

2º

TUCUJU

LITERÁRIO

DO IFAP

CONTOS E POEMAS



ORGANIZADORES:

Deliane Pessoa Santos

Nayara França Alves

Daniel Melo da Silva Júnior

2º

TUCUJU
LITERÁRIO
DO IFAP
CONTOS E POEMAS

EDIFAP





2º TUCUJU LITERÁRIO DO IFAP

CONTOS E POEMAS

Comissão Avaliadora – Seleção de Contos e Poemas:

Cláudia Patrícia Nunes Almeida

Elcilene Cativo de Oliveira de Souza

Jaciléia Rocha de Vilhena

Mariana Janaina dos Santos Alves

Patrícia Andrade Vieira

Amapá, 2025



Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação
Camilo Santana

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica
Marcelo Bregagnoli

Reitor
Romaro Antonio Silva

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação
Welber Carlos Andrade da Silva

Supervisora da Editora Edifap
Deliane Pessoa Santos



CONSELHO CIENTÍFICO EDITORIAL DO IFAP

Titulares

Nayara França Alves
Deliane Pessoa Santos
Benedita Machado Pureza
Romaro Antonio Silva
Welber Carlos Andrade da Silva
Veralucia Severina da Silva
Argemiro Midonês Bastos
David Figueiredo de Almeida
Layana Costa Ribeiro Cardoso
André Alves de Souza
Caroline Pessoa da Silva
Jemina de Araújo Moraes Andrade
Risonete Santiago da Costa
Rosinete Cardoso Ferreira
Caio Teixeira Brandão
Bruno Sérvulo da Silva Matos
Silvia Gomes Correia
Ronne Franklim Carvalho Dias

Suplentes

Ivan Gomes Pereira
Carlos Alexandre Santana Oliveira





2º TUCUJU LITERÁRIO DO IFAP

CONTOS E POEMAS

Organizadores:

Deliane Pessoa Santos

Nayara França Alves

Daniel Melo da Silva Júnior

Amapá, 2025



Capa, projeto gráfico e diagramação:

Kildare Reis

Fotos:

Floriano Lima

Editora:

Deliane Pessoa Santos

Revisoras:

Jemina de Araújo Moraes Andrade

Nayara França Alves

Daniela Moura Soares

Bibliotecária:

Branca Lia R. Cruz

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)

869.9398116

T898 Tucuju Literário do IFAP : contos e poemas. 2. /
Organizadores: Deliane Pessoa Santos, Nayara
França Alves, Daniel Melo da Silva Júnior. –
Macapá : Edifap, 2025.
91p. : il.: color.

ISBN 978-65-89513-43-8 (digital)

1. Literatura brasileira. 2. Literatura amapaense.
3. Contos.
4. Poesia. I. Santos, Deliane Pessoa (org.). II.
Alves, Nayara França (org.). III. Silva Júnior,
Daniel Melo da (org.). IV. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária
Branca Lia R. Cruz, CRB2 1174, com dados
fornecidos pela Editora do IFAP



Dedicamos esta obra a todos os amantes da literatura amapaense, que com seus olhares atentos e corações pulsantes, mantêm viva a chama da nossa cultura literária. Que este livro seja um convite para continuar a escrita, o pensamento e a reflexão sobre o nosso Estado e suas histórias.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossa profunda gratidão aos autores que, com sua dedicação e talento, contribuíram com suas obras para este livro, tornando-o uma verdadeira celebração da literatura amapaense. Agradecemos também à comissão avaliadora e de organização, cujo olhar criterioso e comprometido foi fundamental para a seleção dos textos.

Nossa imensa gratidão aos servidores que, com empenho e carinho, contribuíram para a concretização desta obra. Aos nossos líderes: o Reitor Romaro Silva, o Pró-Reitor Welber Andrade e o Conselho Editorial, que apoiaram com entusiasmo este projeto; à equipe técnica da EDIFAP, que se dedicou com zelo e competência para que o 2º Tucuju Literário fosse possível. Sem a colaboração de todos, este trabalho não teria se tornado realidade.

Que este livro seja um reflexo do nosso compromisso com a valorização da literatura regional e o fortalecimento da cultura amapaense.

ORGANIZADORES

Deliane Pessoa Santos

Nayara França Alves

Daniel Melo da Silva Júnior



PREFÁCIO

Agradeço a confiança que me foi depositada para escrever um prefácio desta segunda coletânea literária organizada e patrocinada pelo IFAP, uma instituição que, embora jovem, tem relevante contribuição na formação de nossos estudantes pela excelência do ensino ofertado e competência dos professores e corpo técnico e pedagógico.

Esta obra surge num momento em que a produção literária local desponta com vigor, em todos os gêneros e estilos, revelando centenas de talentos, múltiplas vozes, diversidade, tanto na prosa como na poesia. São autores que aproveitam os espaços virtuais, feiras, amostras, saraus e quaisquer outros locais para divulgar seus trabalhos, o que não ocorria nas primeiras gerações de escritores que se consolidaram nos anos 50 e 60, época do Território Federal e que tem seu livro magno denominado **Modernos Poetas do Amapá** (1960), a nossa primeira antologia literária, reunindo os que denomino de “poetas burocratas”: Alcy Araújo (1924 – 1989), Arthur Nery Marinho (1923 – 2003), Ivo Tores (1931– 2023) e os irmãos Álvaro da Cunha (1923 – 1995) e Aluizio da Cunha (1933 – 1989).

Percebe-se, desde que a Unifap foi criada, cada vez mais a presença de autores locais sendo estimulados a produzir – como ocorreu nos concursos de contos das universidades do Norte, capitaneados pelo Núcleo de Letras e Artes da UFPA, nos anos 90. Pelo menos seis escritores que viviam no Amapá tiveram seus contos premiados e selecionados e, posteriormente, usados nas leituras obrigatórias dos vestibulares daquela época, proporcionando visibilidade e abrindo caminhos para os primeiros estudos de análise literária e a consolidação de prosadores, sendo que só eram mais conhecidas as obras poéticas, pois eram raríssimos os textos em prosa, constituídos em sua maioria de crônicas.

O IFAP demonstra, com este II Tucuju Literário (cujo tema é: **Vozes da Floresta e do Rio: Identidade, Resistência e Cultura do Amapá**) seu reconhecimento da produção artística dos nossos escritores e poetas. Esses escritores, ao terem suas obras escolhidas e publicadas com a chancela da instituição, certamente se sentirão mais valorizados e distinguidos, tanto pelos leitores como pelas

escolas e universidades onde o livro vai circular. Sei o quanto é prazeroso participar de uma obra, mesmo coletiva, em que se prioriza a qualidade literária dos textos. É sempre uma experiência enriquecedora que nos conduz ao encontro dos nossos leitores e interação com eles, à descoberta de outros autores e à criação de vínculos cruciais para a disseminação das letras num país que precisa muito de livros e, sobretudo, de leitores (e felizmente os clubes de leitura começaram a brotar por todo o país, inclusive no Amapá).

Na primeira parte do livro, onze contistas – alguns que tomei conhecimento pela primeira vez –, e outros já com várias publicações, mesclando a experiência daqueles que já publicaram com a vontade de conquistar um espaço no universo literário dos que têm a oportunidade de publicar em livro pela primeira vez.

Com essa temática tão nossa, tão raiz amazônica, nos deparamos com belas e tocantes histórias, como no primeiro conto ***Supercanoinha***, de Rodrigo Mergulhão, mostrando a integração do ribeirão que nasce, cresce – e morre na beira do rio ou dentro do rio. Já Adriana Idalino sutilmente nos conta sobre as famosas festas de santos no interior da Amazônia em ***Entre rezas, folias e bandeirinhas***. Jéssica Thaís participa com dois contos: ***Gueguel e o Grande Poraquê*** e ***Mulher D'Água***, ambos contendo nuances que se encaixam dentro da temática e mostram o lado natural e místico dos rios e o quanto estão aglutinados ao dia a dia das populações ribeirinhas. No conto ***Folha-mãe***, de Judivalda Brasil, uma mulher prepara o chá de canela e lhe vem à mente algumas lembranças de sua vida, de forma poética e cheia de ternura. Em ***Valores***, Argemiro Bastos nos conta com leveza, e usando alguns vocábulos amazônicos, que enriquecem a narrativa, o valor de uma amizade. O premiado professor e escritor João Wilson Savino Carvalho nos traz dois textos: O ***Guardador das Memórias*** (este uma saborosa crônica de nossas memórias afetivas da pequena Macapá de antigamente) e ***Os Perigos do Rio***, tipicamente um relato pitoresco entre os ribeirinhos sobre as aparições e peripécias dos botos sedutores de mocinhas. “Com meia badalada pra acordar, quantas batucadas são necessárias pra sonhar?, nos indaga Victor Oliveira no seu ***Tecer Sonhos***. A obra traz ainda textos de Caroline Borges Monteiro (***Alma do Marabaixo***), Maria Eduarda Costa de Sá com ***A Chuva***: “Quando os homens e suas máquinas foram embora, deixando apenas rastros de destruição para trás, sobraram apenas eu e minha avó

pelas redondezas do que antes era um rio". Já Vânia Beatriz Vasconcelos relembra eventos da infância com **Hirondelle de Cearense** e Jaciara Santos Martins nos conta sobre a **Casamenteira**. No geral, todos os relatos são interessantes e dignos de constar na antologia, conforme vai descobrir o leitor.

Na segunda parte vamos percorrer os poemas de vinte e oito autores, muitos dos quais participam com textos em prosa na primeira parte. Como este livro é temático, observamos que os poetas (assim como os prosadores) se esforçaram para adequar os seus escritos conforme as diretrizes do regulamento e da temática. Não é possível, no pequeno espaço de um Prefácio, analisar cada poema, mas observo que a nova geração que vem despontando nas duas últimas décadas traz, além da diversidade e de inovações linguísticas, a vantagem de já ter usado as redes sociais como experimentação ou ter participado de grupos e coletivos literários, abundantes em nossa terra. E quase todos mantêm maior interação entre eles, trocam ideias para assimilação das temáticas peculiares dos nossos "tempos líquidos", como dizia Zygmunt Bauman (1925–2017).

Vejamos então algumas observações que fiz, a título de exemplo:

Logo no primeiro poema, Rodrigo Mergulhão diz no seu **Pequeno Manual Indigenista**:

"Não cales cantos e florestas,/ tu que desmatas./ Não ameaces com trator,/ minerador./ Não sujes rio a correr limpo / sem teu garimpo./ Não aches que não é selvagem/ tua grilagem."

Jadson Porto, professor e escritor com vasta produção científica e literária, em **Há Castanhas neste Lugar** afirma: "A rigidez do ouriço/ Embruteceu/ O fruto da mata e tudo que é seu/ Mas a cutia e a arara a rompeu".

Já Tiago Quingosta, oriundo do grupo literário Pena & Pergaminho, afirma em **Canto Encantado, Voz do Passado**: "Se os corpos apagados pudessem tocar o tambor, / tremeria para sempre o chão,/ para sentir a dor que se enraizou." Felipe Pacheco nos fala em **Samaúma**: "Do presente ao futuro/ todos ouvem arrebatados/ ressoar a ancestral sapopema/ Mãe da Floresta/ busca no fundo solo sagrado/ e divide, generosa/ a sombra e a seiva da vida/ Mãe de todas as árvores/ é escada do céu". O poeta Iury Gonçalves dos Reis nos diz: "Eis que vejo/ a noite chegou, nem parece que foram só poucos minutos/ hora de desembarcar o nosso ouro negro de Macapá." (**Ouro Negro de Macapá**).



E assim, a nossa Poesia, cada vez mais engajada com a realidade amazônica, vai sendo disseminada nesta obra, que é um registro do momento atual e que serve também de reflexão para todos nós que nascemos ou escolhemos viver e morar na Amazônia e vivenciar os dilemas que sempre nos ameaçam e que nem sempre são do conhecimento de todos – pois são poucos os que têm a sensibilidade de um poeta, ou de um artista, para sentir e externar esses sentimentos de forma tão densa e tocante.

Parabéns aos autores selecionados que nos legam textos literários de excelente qualidade para enriquecer cada vez mais a produção literária amapaense, tão “jovem” diante do que se produziu desde a colonização portuguesa em nosso país e que tem ainda como primeiro referencial o jornalista e poeta Joaquim de Mendonça Júnior (Século XIX), fundador do jornal Pinsonia. Parabéns ao IFAP e seus dirigentes e coordenadores pelo compromisso com a Educação e a Cultura, que devem sempre caminhar lado a lado num binômio que só traz benefícios para o nosso Estado.

Paulo Tarso Barros

(Poeta, escritor, editor e professor, acadêmico da Academia Amapaense de Letras, Academia Vitoriense, Academia Barão do Rio Branco e Associação Amapaense de Escritores)





SUMÁRIO

Apresentação.....	20
CONTOS.....	21
1 - Super-Canoinha!	21
2 - Gueguel e o Grande Puraqué	24
3 - Entre rezas, folias e bandeirinhas	26
4 - Mulher d'Água.....	28
5 - FOLHA-MÃE	29
6 - "Valores".....	31
7 - O guardador das memórias	33
8 - Tecer sonhos	35
9 - A alma do marabaixo.....	36
10 - Os perigos do rio	37
11 - A Chuva	39
12 - Hirondelle do Cearense	41
13 - A CASAMENTEIRA.....	43
POEMAS	44
1 - Pequeno Manual Indigenista	44
2 - HÁ CASTANHAS NESTE LUGAR	45



3 - Bomâtê Asue Nânwi	46
4 - Canto encantado, voz do passado	47
5 - Progresso	48
6 - Uma criança ribeirinha.....	49
7 - Macapá de minha Infância	50
8 - Samaúma.....	52
9 - Resistente herança preta	53
10 - Encantarias do Amapá.....	54
11 - Ouro Negro de Macapá	55
12 - Amapá: Território de Guerreiros.....	56
13 - Cores e Sabores do Amapá	57
14 - Igarapé do Lago – Terra dos meus ancestrais	58
15 - Ribeirinho	59
16 - Eis as vozes da coroa do Norte.....	60
17 - Cenário Amazônico.....	61
18 - Aluísio, Herói do Amazonas.....	62
19 - Ribeirinha, Ribeirinho.....	63
20 - Saia Rodada.....	64
21 - Rodopia Maria	65
22 - Cachoeira do Amapá.....	66
23 - Maré de (pre)Amar	67

24 - A velha da lama	68
25 - Rio Amapari	69
26 - Rio Araguari	70
27 - Canção da Madrugada	71
28 - Abraço Tucuju	72
29 - Um Milagre no Café da Manhã	73
30 - Elementos	74
31 - Eterno amapaense	75
32 - No coração da Amazônia	76
33 - Herança Amazônica	77
34 - Singular é meu Jari	78
35 - Eles, Nós	79
36 - O Grito da Amazônia	80
37 - Chuvas do Norte	81
Posfácio	83
Sobre os autores	84
Sobre os organizadores	87





APRESENTAÇÃO

O 2º Tucuju Literário do IFAP – Contos e Poemas é uma celebração da arte e da palavra, resultado do compromisso do Instituto Federal do Amapá com a promoção da cultura e da valorização dos talentos literários da nossa região. Nesta segunda edição, reafirmamos o propósito de reconhecer, divulgar e fortalecer a produção literária amapaense, reunindo vozes que trazem, em prosa e verso, a identidade, a resistência e a riqueza simbólica da Amazônia.

Organizada pela Editora Edifap, esta coletânea nasce do olhar sensível de escritores e poetas que, ao compartilharem suas narrativas e emoções, revelam o pulsar do nosso território – seus rios, florestas, memórias e afetos. São textos que convidam o leitor a mergulhar na diversidade de estilos, temas e perspectivas que compõem o mosaico cultural do Amapá.

Mais do que uma publicação, o Tucuju Literário é um espaço de encontro entre gerações, um gesto de incentivo à escrita e à leitura, e um testemunho do compromisso do IFAP com a formação integral de seus estudantes e com a difusão do conhecimento, da arte e da cidadania.

Que cada página inspire novos olhares e reafirme a força criadora que habita nossa gente.

Deliane Pessoa - Coordenadora da Edifap

Instituto Federal do Amapá – IFAP

CONTOS

1 - SUPER-CANOINHA!

Canoa, comunidade à beira do rio Araguari no sudeste amapaense, foi o berço de Jacielle. Aos oito anos, já era a mais pentelha da vila. Corria atrás de galinhas, banhava-se de lama, balançava-se de ponta-cabeça em goiabeiras, catava lagartixas e mariposas para soltar na escola.

- Te aquieta, menina — a mãe reclamava. — Depois tu cai doente e dá trabalho...
- Deixa, mulher — o pai ria. — Assim que ela aprende.

O que Jacielle mais queria mesmo era o rio. Contemplava o Araguari gigante, bonito, brilhante, sem fim. Quando vinha a pororoca, então! Aplaudia da terra querendo estar nas águas. Porém, por ser muito miúda para a idade, podia apenas banhar-se às margens.

Dona Salete afastava a filha da vontade de se divertir no rio enquanto ainda fosse pequena. Ensinou-lhe a trançar palhas de buriti para embalar sabonetes e pomadas de copaíba e andiroba produzidos na associação de mulheres “Aromas do Amapá”, fonte de renda extra da família.

Mas a paixão de Jacielle se fortalecia toda vez que o Araguari trazia barcos e rabetas da Secretaria de Saúde e do Ministério Público cheio de tias enfermeiras e doutoras em dias de vacina, dentista e justiça. Fugiu da mãe ao ver a Lancha dos Livros.

- Tia! Me dá um!

Voltou para casa com gibis de alfabetização através de lendas da Amazônia. Mal sabendo decifrar palavras, narrava em voz alta, para os coleguinhas, as imagens de Matinta Pereira, laçã, Rasga-Mortalha, Uirapuru, Mani, Boitatá, Iara e Mapinguari. Seu coração transbordou de encanto com a história da Mãe d'Água em busca da canoa perdida em meio à pororoca. E a canoa tinha o seu nome! Jacy!

Sou a canoa do meu Araguari!



Após muita, muita insistência, Jacielle convenceu a mãe: os maiores lhe ensinariam a nadar para além da base das estreitas passarelas flutuantes de madeira afrente das palafitas — sob a condição de sempre haver canoa por perto.

Deste modo, Seu Pantoja, o melhor carpinteiro do povoado, construiu à filhota uma gita canoa de quase dois metros, só dela e só para ela. Jacielle explodiu de felicidade! Nomeou-a “Jacy”, pintando cada letra de verde, amarelo, azul e branco no casco.

Jacielle finalmente fez amizade com Araguari. Ladeada por mais experientes, aprendeu a nadar, remar, equilibrar-se na canoa para nela ficar de pé e pular no rio e voltar. Em pouco tempo, inventou nados e logo repassou-os aos demais: com o corpo dentro da água, de barriga para baixo, estendia os braços para segurar na popa da canoa e bater os pés, a servirem de motor; à proa, de barriga para cima, punha-se a repetir a arte.

Nem sua primeira pororoca foi desafio. Graças ao bom Deus e aos espíritos ancestrais da floresta, sem o povo entender direito, Jacielle surfou feito boto as ondas brabas, com a ajuda e o domínio de sua fiel companheira Jacy. Bastou à dona Salete ver que a baixinha tinha jeito.

— Espia lá! Super-Canoinha! — festejou seu Pantoja. O apelido pegou e Jacielle foi aclamada pelo povo. Crianças e jovens paravam para assistir à talentosa heroína, toda tarde e todo fim de semana, fazer molecagem no Araguari, ainda que fosse tempo de maré baixa.

Não tardou para Super-Canoinha de fato vestir seu manto. Pegou uma bandeira do Amapá com a tia professora para usá-la amarrada ao pescoço. Sentia-se livre e poderosa, remando ou de pé em Jacy, com o vento tremulando o pano para trás.

Logo passou a coletar frutos boiados na água, enquanto outros pequenos os recolhiam à margem com paneiro. Ajudou o coletivo da mãe a vender mais dos biocosméticos aproximando Jacy junto às embarcações que por lá passassem, no rumo, sem aportar. Fazia da mesma forma auxiliando no comércio fluvial de farinha, doces e artesanato. Gostava demais de esperar catamarãs, pois passageiros e tripulação queriam testemunhar Super-Canoinha mergulhar para pegar ligeira, nas águas, as roupas, os brinquedos e os pacotes de biscoitos e salgados jogados como presente, que Super-Canoinha dividia com amigos.

Durante um entardecer, eis que passou, em grande velocidade, uma balsa conjugada de uma mineradora local transportando carros, motos e tratores. Super-Canoinha tentou atracar sua parceira Jacy na lateral do estranho novo visitante. Não conseguiu. A ira das ondas causadas pelo enorme bicho de ferro virou e revirou e engoliu as duas.

Super-Canoinha caiu no Araguari para nunca mais voltar.

Só Jacy e a bandeira boiaram e foram arrastadas, mutiladas por hélice, à beira.



Canoa esvaiu-se em lamentação pela ida de Super-Canoinha. Em sua homenagem, crianças e tias desenharam e coloriram flâmulas amapaenses em papel, para serem penduradas em galho em riste fincado nas duas pontas das canoinhas construídas por seus pais – que foram lançadas ao Araguari, ao sétimo dia, com lamparinas de querosene e gasolina feitas de potes de vidro, postas no centro da barquinha; que as ondas seguintes levaram e lavaram tudo rio adentro.

A dor foi tamanha que, em meses, até a pororoca perdeu sua força e se extinguiu.

A comunidade quis se chamar Canoinha, cujo símbolo passou a ser Jacy a tremular a bandeira do Amapá vestida pela pequena canoeira amiga do Araguari.

Rodrigo Mergulhão

2 - GUEGUEL E O GRANDE PURAQUÊ

O dia raiou mais triste e nublado, mas isso não era motivo para tirar de Gueguel a vontade de se banhar no rio. Ele sabia que logo mais sua mãe o chamaria para mergulhar no rio e tirar a tiriça. Então, vestiu seu short de banho e sentou-se na beira da calçada para esperar a mãe chamar.

A casa de Gueguel ficava às margens do rio, e ele sentou ali observando seu rio amado, que parecia estar só esperando para recebê-lo. Quando o menino menos esperava, caiu um toró de água. Mesmo assim, ele continuou ali, sentado na calçada. Quando a mãe o chamou para dentro de casa, o menino insistiu:

— Mãe, vamos banhar no rio pra tirar a tiriça.

A mãe olhou para ele e sorriu, dizendo que em época de chuva o rio ficava perigoso, pois os puraqués apareciam para dar choque em menino tiricento.

Gueguel não se conformou com a resposta. Voltou para a calçada e pôs-se a imaginar como seria esse puraqué. Será que ele era tão perigoso assim como sua mãe dizia? E que choque era esse que ele podia dar? Gueguel encheu-se de coragem e foi cortando a chuva rumo ao rio.

Chegando lá, deu um mergulho de olhos abertos para ver se enxergava algum bicho diferente, mas não encontrou nada. Deu outro mergulho, ainda nada. No terceiro mergulho, Gueguel avistou um grande buraco na margem mais distante do rio. Cheio de curiosidade, nadou, nadou, nadou. Quando chegou perto do buraco, quis voltar, mas foi atingido por um medo tão grande que não conseguia mais sair. O buraco estava puxando-o para dentro. Então, Gueguel foi engolido pelo buraco.

O menino caiu, caiu, caiu até bater em um peixe luminoso, que lhe disse:

— Oras, agora temos meninos caindo do céu! Qual o seu nome, pequeno?

O menino respondeu:

— Meu nome é Gueguel! Que lugar é esse? O peixe, ignorando a pergunta, disse:

— Vou chamá-lo de Gueguel Perepeupeu, o menino que caiu do céu. Venha comigo.

Sem ter muito o que fazer, o menino seguiu o peixe, que foi apresentando-o, enlouquecidamente, para todos os outros peixes. Eram todos muito parecidos com ele, com exceção de um: o maior de todos. Esse não era luminoso como os outros e nadava muito rápido. Gueguel, curioso, perguntou ao novo amigo:



— E aquele ali? Não vai me apresentar para ele?

O peixe respondeu que aquele era o grande puraqué, o chefe de todos os peixes elétricos e luminosos. Explicou ainda que o puraqué estava muito ocupado, mal-humorado sempre, e não gostava de visitantes. Portanto, não era seguro para Gueguel se aproximar dele.

Mas Gueguel era um menino muito curioso e esperou só uma distração do peixe para ir atrás do grande puraqué. Ele queria saber se a história que sua mãe contava era real. O grande puraqué morava em um buraco igual ao que tinha puxado Gueguel para aquele lugar estranho. O menino sentiu o mesmo medo que havia sentido antes e foi acometido pela mesma força que o puxava para dentro do buraco.

Chegando lá, o grande puraqué já o esperava e perguntou:

—O que faz aqui, menino? O menino respondeu:

— Não sei como vim parar aqui, mas queria saber se é verdade que, em época de chuva, você vai para o rio dar choque em menino tiricento.

O grande puraqué deu uma risada alta e assustadora antes de responder:

— É isso que dizem de mim lá por cima? Que bobagem! A verdade é que eu apenas protejo o rio de quem ameaça a vida nas águas.

Gueguel ficou aliviado e perguntou quem eram essas pessoas, pois não gostaria de descobrir a fúria do chefe dos peixes. O grande puraqué respondeu que qualquer pessoa que desmatasse, poluísse, explorasse ou fizesse mal à natureza sofreria sua fúria.

Então, Gueguel disse que precisava voltar para casa para contar a verdadeira história à sua mãe. O grande puraqué acrescentou:

— Você correu um risco muito grande vindo até aqui. É um menino forte e corajoso. Vou nomeá-lo o guardião da minha lenda, e você será responsável por espalhá-la pelos quatro cantos do mundo.

O grande puraqué levou Gueguel até a beira do rio, e o menino contou toda a história para sua comunidade, que deixou de temer o puraqué e passou a preservar a vida nos rios e na floresta.

Jéssica Thaís.

3 - ENTRE REZAS, FOLIAS E BANDEIRINHAS

Olhei para a folhinha do calendário era início de dezembro. Dali há mais alguns dias iria começar os festejos de Santa Luzia. As comunidades se preparavam para oferecer comes e bebes em honra à santa. Lembro como se fosse hoje, as novenas aconteciam na casa do Seu Queiroz, um comerciante abastado do Bailique de antigamente. A família dele morava na comunidade da Cubana pertinho da minha casa. Coisa de pouco tempo de remada na canoa grande do papai. Para participar da festa dançante era de lei estar presente nas rezas da santa, do contrário, nem eu e nem meus irmãos podíamos pisar no salão.

No Bailique a vida passava devagar... tínhamos nossos afazeres com a roça pequena no fundo do terreno. Tudo que colhíamos servia para a nossa alimentação, e o que sobrava, meu pai, que era marreteiro, vendia no pequeno regatão que viajava pelas comunidades vizinhas. Ficávamos contando nos dedos os festejos da santa. Meu pai trazia das viagens um fato novo pra cada um de nós, nome que se dava aos conjuntos de roupa que ele comprava na beirada quando vinha à Macapá. Minha mãe dizia que não podíamos ir desarrumados para as novenas.

Depois de longos nove dias de muita reza e devoção chegava o momento esperado por todos os jovens das comunidades, a festa dançante. Os preparativos começavam cedinho. Eu passava com cuidado meu vestido rodado, estampado de pequenas flores amarelinhas, costurado pela minha mãe. Era tanta empolgação que nem sentia o peso do velho ferro de passar que precisava ser aquecido na brasa do fogão à lenha. Meus irmãos, também, ficavam "nos panos". Naquele dia podia passar pomada no cabelo, e extrato de alfazema no pé da orelha. Tudo tinha que sair perfeito porque outra festança dessas só no próximo ano.

Todos arrumados saíamos cedo pra não perder nada. Nossa rua era o rio. A viagem não era longa, coisa de pouco mais de quarenta minutos remando. De longe avistávamos o barracão todo enfeitado com bandeirinhas coloridas. No trapiche, canoas de todos os tamanhos balançavam na maré alta atracadas no porto que dava acesso ao grande barracão de madeira.

A família do Seu Queiroz era uma ótima anfitriã, e oferecia porco e carneiro guisado para todos. Comidas especiais que para o paladar ribeirinho era uma festa de sabores. No meio da tarde os músicos começavam a chegar com seus instrumentos de corda e sopro nas mãos. Era só o tempo de afinar as violas e clarinetes para dali a pouco começar o dança-dança no salão.

À boca da noite Seu Queiroz mandava um funcionário acender as lamparinas à querosene penduradas cuidadosamente em cada canto do barracão. As moças se reuniam no salão para esperar que os rapazes as tirassem para dançar. Meu pai sempre recomendava que o baile era pra dançar, e não podíamos namorar. Por isso meus irmãos ficavam de olho para que nenhum "boto galanteador" chegasse perto mim.



Durante os festejos algumas senhoras da comunidade vendiam arroz doce e cocada. Eu amava arroz doce! O Neco Gurjão sabia disso, por isso quando queria dançar comigo oferecia uma porção de arroz doce. Ele era o rapaz mais bonito das redondezas. Todas as moças queriam dançar com ele, mas dessa vez eu fui a escolhida, afinal eu sempre fui pé-de-valsa. Depois de tanto forró eu vinha de lá com o bucho quase pra espocar de tanto comer arroz doce.

Lá pelas tantas horas da noite, meu irmão mais velho, Dico, encerrava a nossa festa, determinando que era hora de voltar pra casa antes que a maré vazasse de vez. Não adiantava reclamar porque na ausência do papai tínhamos que obedecer a meu irmão. Voltávamos mufinos pra casa, mas com a certeza de que no próximo ano estaríamos lá novamente para as rezas e folias de Santa Luzia.

- Vovó, vovó o que a senhora tá fazendo aí parada com esse calendário na mão?
- Nada não! Tô só contando o tempo...

Adriana Idalino

4 - MULHER D'ÁGUA

Janice fazia a janta quando Jhony entrou pela porta da cozinha com um cacho de pupunha. Ele jogou o cacho em cima do girau e disse que queria comer a pupunha de manhã bem cedo. Janice olhou de canto de olho e resmungou:

— Não me dá nem um cheiro, já chega mandando... Pensa que eu sou tua empregada? Jhony pegou o terçado de cima do girau, encostou-o no pescoço de Janice e perguntou:

— Tá braba? A gente resolve isso num instante — concluiu.

Maria entrou pela porta, com as laterais da saia engatadas na calcinha, molhada de rio, com um olhar desconfiado.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou.

Jhony olhou para Maria com um olhar faminto e, aos poucos, tirou o terçado do pescoço de Janice, que se apressou em pegar uma toalha para cobrir a irmã. Ela a embrulhou e a levou para o quarto, enquanto o olhar de Jhony acompanhava as duas.

Janice era a irmã mais velha de Maria e, ainda que a segunda já fosse uma mulher, a primeira se sentia responsável pelo bem-estar da irmã. Dentro do quarto, Janice enxugou Maria e disse:

— Você não pode ficar no rio até tarde da noite com essas roupas transparentes. Os homens são perigosos.

Maria, emburrada, respondeu:

— Então por que você casou com um?

Maria se levantou, passou por Jhony na cozinha e foi em direção à mata. Jhony foi atrás, com malícia no olhar e o terçado empunhado.

Ao entrar na mata, Jhony se deu conta de que estava perdido. Ouvia apenas a voz de Maria, suave e sensual, e correu em direção ao som. Quando chegou à beira do rio, avistou os olhos de Maria, que estava mergulhada na água.

Jhony tirou a roupa e entrou no rio. Maria se aproximou e, com um movimento rápido, enrolou o pescoço dele com sua roupa, apertando até que ele ficasse sem ar. Uma força extraordinária tomou conta do corpo de Maria, que o afogou.

Ela observou a correnteza levar o corpo de Jhony, voltou para casa, colocou as pupunhas para cozinhar no fogo e as serviu no jantar.

Jéssica Thaís

5 - FOLHA-MÃE

Sentada em frente ao computador, a mulher, agora na conta dos cinquenta e tantos, percebe os traços herdados da mãe e como se a página do tempo virasse, volta à infância, desperta a memória adormecida e vê sua mãe pelo quintal coletando as folhas de canela para o café da manhã.

São dias difíceis, muitos filhos, pouco dinheiro. O marido distante, a falta de notícias, os dias que se arrastam e os milagres tão escassos. Mas sua fé persiste intacta e sua força vital vem de cada sorriso e choro dos filhos. Os mesmos que a provocam e desatam os nós de choro que ela guarda durante o dia na frente deles, mãe não pode chorar, não tem tempo nem direito a lágrimas, precisa resolver problemas, não lamentá-los.

E assim como a receita do chá, ela transmitiu esse legado de força e de fé (talvez menos) e acima de tudo de determinação em ser esta pessoa que resolve as coisas, não se permite enfraquecer diante dos desafios, sobretudo os que envolvem os filhos, e não seria este o maior mistério de ser mãe?

Sob a mesa o pão fatiado, na velha lata de biscoitos que Tia Nair mandara do Rio de Janeiro, algumas torradas e sobre todo o alimento, esta santa ceia matutina, uma camada invisível de benção divina cobre a todos que ali em torno daquele manjar se abancarem.

Na casa ainda fechada, uma escuridão entremeada por raios de sol fugidios mantém a todos adormecidos. Só ela na sua solidão diária e costumeira, conversa com seus medos e restabelece sua fé para enfrentar as dificuldades e desafios dos dias vindouros.

Entra na casa, põe a chaleira no fogo com água para o chá. E ali entre a fervura da água e seus temores, uma lágrima solitária corre a face sem convite. Com o sal nos lábios, ela enxuga o vestígio da lágrima e deposita com cuidado e um suspiro as folhas da canela na chaleira fervente, tampa e apaga o fogo, deixando em imersão suas emoções e as folhas, afinal ali no calor da água em ebulição será nesse vapor que elas farão ressurgir as forças de todos.

O perfume da folha de canela exala e invade a casa e as narinas de cada morador, mas só ela é tocada pela força energética desta folha. Que ali naquele momento lhe empresta sua força vital, dando-lhe toda a energia necessária para superar as dificuldades e tecer a vida em mais este dia que acabara de nascer.



Antes de servir o chá, em meio ao silêncio, ela dá graças e inicia o ritual com o seu lema mais fervoroso e que assim como as folhas de canela, lhe fortifica e a faz insistir na sua fé de novos e melhores dias: Deus proverá!

E é na folha que as duas mulheres, de ontem e de hoje, filha e mãe, se encontram e se completam, na fé e na persistência da força irmanada da folha, hoje e sempre, como se ambas fossem filhas desta mesma folha mãe.

Judi Brasil

6 - "VALORES"

Localidade fictícia: Maicé (Amizade em tupi-guarani)

Em Maicé, a vida seguia o ritmo manso das águas do rio, e a amizade era a maior riqueza que o povo da região tinha. Raimundo (Mundico) e Benedito (Bené) eram o exemplo vivo disso. Os dois compadres dividiam tudo na vida: pescavam camarão juntos, usando seus matapis que desciam com cuidado nas águas escuras, e trepavam nas açazeiras, sempre ajudando um ao outro. Cada dia era uma aventura compartilhada, e o fruto da pesca e da coleta era dividido igualmente, sem nunca pensar em quem estava ganhando mais ou menos.

Mas Manoel (Mané), um sujeito de fala mansa e jeito de quem está sempre com alguma ideia na cabeça, não compreendia aquele jeito simples e honesto de viver. Mané era conhecido por ser um pouco cúria, sempre com pressa de ganhar dinheiro fácil. Um dia, ele se aproximou de Bené enquanto este recolhia os matapis do rio.

— “Égua, Bené, nunca vi tu tão leso pra dividir tudo com o mundico,” disse, fingindo preocupação. — “Tu já pensou no quanto tu podia ganhar se trabalhasse só pra ti mesmo? O rio é grande, o açáí é abundante. Tu ia ficar por cima, sem precisar dividir nada, besta!”, disse Mané.

Bené ficou quieto por um instante, pensativo. Aquelas palavras começaram a envenenar seu coração, e ele, que sempre fora justo, sentiu uma pontada de dúvida. Mas ele sabia que Mundico era mais que um compadre; era um irmão de vida. “E se for mesmo, né?” pensou Bené, sentindo-se balançado.

No outro dia, Mané foi até Mundico. — “Ô compadre, tu já reparou como o Bené anda cúria pra contar os cachos de açáí? Olha lá, hein, Mundico. Se eu fosse tu, abria o olho, que dividir tudo assim é pra quem gosta de ser passado pra trás.” Mundico sentiu uma pontada no peito, mas sacudiu a cabeça. — “Égua, será que o Bené ia fazer isso comigo?” murmurou, sem acreditar. Mesmo assim, a dúvida ficou, como uma brisa fria que não queria ir embora.

Por dias, a tensão pairou no ar. Bené e Mundico se olhavam meio desconfiado, o trabalho já não era tão leve como antes, e o riso fácil sumiu. Mas a natureza, sempre sábia, tratou de dar um jeito de mostrar o valor da verdadeira amizade.

Uma tarde, enquanto subiam juntos uma palmeira de açáí, o tronco escorregadio quase fez Bené cair de uma altura perigosa. Mundico, sem pensar duas vezes, largou tudo e segurou o compadre com força. — “Aguenta aí, homem! Eu não te largo não!” Bené, ainda tremendo, desceu devagar e abraçou o amigo com os olhos cheios de água. — “Égua, compadre, tu



salvou minha vida. E eu aqui, todo leso, duvidando de ti por causa de conversa fiada." Os dois riram, como quem desarma uma tempestade. Bené continuou: - "Amizade assim é coisa rara, meu compadre. O rio dá, a floresta dá, mas o que a gente tem, isso ninguém compra."

Mundico bateu no ombro do amigo. - "Pois é, compadre. E esse Mané que vá caçar o que fazer, porque a gente aqui não se vende."

Mané, que só macuricava sobre a conversa atrás de uma árvore, percebeu que seu plano de criar inimizade tinha falhado. A vergonha tomou conta dele, e ele deixou o vilarejo de cabeça baixa, sabendo que nunca poderia quebrar o elo de amizade que unia Mundico e Bené.

A notícia correu rápido, como é costume nas comunidades ribeirinhas. E desde então, o exemplo dos dois compadres virou ensinamento naquela paragem da Amazônia. As crianças cresceram ouvindo a história e aprendendo que, mais importante que qualquer lucro, é ter um amigo verdadeiro ao lado, que não abandona nem na fartura, nem na dificuldade. Como Mundico sempre dizia, com um sorriso largo: - "Êgua, aqui o que a gente tem é amizade de verdade, e isso é mais rico que todo o camarão do rio e o açáí da floresta."

Uma amizade sem pedir nada em troca será sempre honesta como as águas dos igarapés e firme como as touceiras de açáí.

Argemiro Midonês Bastos

7 - O GUARDADOR DAS MEMÓRIAS

Acredito que a brincadeira que tanto nos divertiu quando estudávamos fora de Macapá e que fazíamos despreocupadamente em nossas intermináveis reuniões políticas em mesas de bar, mas que hoje reconheço com um valor inestimável para a preservação da memória macapaense, foi inventada por um amigo meu, morador do Laginho e estudante de artes.

Tudo começava quando aparecia no grupo um infiltrado, tentando se passar por macapaense e querendo se enturmar. Conhecido por sua criatividade, meu amigo inventou um teste que consistia em responder corretamente a três perguntas para que o neófito fosse aceito como "tucuju da gema". Não é necessário acrescentar que todas as cervejas trazidas para a mesa até o final do ritual ficavam na responsabilidade do candidato.

A primeira, claro, era a localização do "Poço do Mato". Essa era, digamos, a questão grau de dificuldade fraco, já que o poço se mantinha incólume àquela época. A segunda questão, grau de dificuldade médio, podia ser sobre a localização dos lagos do Pacoval, ou sobre a origem dos nomes dos bairros do Trem ou do Beirol, ou até mesmo da localização do bairro da Favela (essa era mais difícil, porque, apesar do nome, ficava no centro de Macapá). Agora a terceira, essa era realmente difícil: onde se situava a "Mata do Rocha"? E querendo torná-la mais complicada, pedia-se a origem desse nome. Essa eu não erraria nunca. Afinal, a Mata do Rocha foi um dos paraísos da minha infância, principalmente o trecho logo na entrada, com uma árvore retorcida, digna de um filme de Tarzan, dos que eu assistia aos domingos, no Cine Macapá ou no Cine João XXIII, à tarde, depois de ter passado a manhã na Praia da Fazendinha, para depois ir exibir minha cara vermelha de sol, no final da tarde, na frente do Macapá Hotel.

É engraçado como as coisas parecem tão grandes quando a gente é criança. Era assim com a Mata do Rocha, que me parecia uma verdadeira floresta, repleta de espaços de aventura, mas que, na verdade, já na minha época, não podia ir além do espaço delimitado pelos terrenos do Colégio Amapaense e do Hospital Geral de Macapá, concentrada numa área de ressaca que desapareceu completamente, onde hoje fica a Escola Gabriela Reis, no resíduo de um terreno que foi ocupado pela Panair do Brasil, e depois pela Cruzeiro do Sul, e seu nome teria origem no casarão do "Seu" Rocha, um antigo telegrafista da Panair do Brasil, que ocupou por muito tempo essa área baixa (e isso explicaria o calor que faz ali). O casarão ocupava o espaço onde hoje está o prédio da Receita Federal, e o matagal situado atrás dele começou a ser chamado de "Mata do Rocha".

Nosso local de reunião nas noites de sexta era o barzinho conhecido como "Rei do Chifre", um local situado estrategicamente em frente ao campus da Universidade Federal do Pará, de propriedade de um velho feio e ranzinza casado com uma mulher jovem e bonita, mas que servia a cerveja mais gelada e barata do bairro do Guamá, e que, por isso, era tratado carinhosamente por todos nós apenas pelo título devidamente abreviado para "Rei", cognome que o deixava bastante feliz. Lá nossa balbúrdia estudantil prosseguia mesmo após o teste, generalizando-se em uma disputa em torno de quem sabia mais sobre o domínio do espaço, mas que, na realidade, dizia mesmo era da cultura e da história de Macapá.

— *Onde era a Praça da Saudade? Por que a Fazendinha tem esse nome? E o bairro do Laguinho? Como surgiu o Curiaú? Onde fica o Jacareacanga?* História viva que se fazia naqueles momentos, nos causos e imagens que fluíam inconscientemente da memória de um bando de macapaenses saudosos em elevado grau de epifania etílica:

— *O Igarapé das Mulheres? Era um lugar muito bonito, principalmente aquele outro lado. Tinha uma ilhota, com uma cabaninha... E na margem onde dava a rua que descia de cima, corria uma ponte de madeira por debaixo das árvores, que ia até a área em que o japonês plantava cheiro-verde... E os passarinhos, que desciam aos montes... Era só colocar um arame com o visgo feito de leite de jaca...*

— *Ah! E os lagos do Pacoval? Aquela pista de piçarra correndo na direção do rio, com laguinhos de água limpinha, com o colorido das árvores refletindo como num espelho. Tinha um bueiro que a gente apostava quem conseguia atravessar de mergulho.*

E haja cerveja rolando. Jogo de palitinho. Protestos contra a ditadura. Declamação de poesia engajada. A noite não tinha fim, até porque, depois do último ônibus e da última carona, o melhor mesmo era voltar ao amanhecer. E isso era a única coisa que nos mantinha conscientes de que estávamos em Belém, porque, no mais, estávamos mesmo era em Macapá. Na nossa Macapá. E ela era nossa porque ninguém sabia mais dela do que nós.

Pena que acabou. Mas, o que é pior, ao longo de minha carreira como professor fui constatando que a grande maioria dos meus alunos não passaria no teste. Aliás, pouquíssimos se interessavam em saber da história e da cultura de nosso povo. Lembrando disso, pensei em procurar o meu amigo. Afinal, como era um conhecido artesão, não seria difícil achá-lo. Além disso, conversar com ele sempre tinha sido muito divertido e instrutivo para mim. Perguntei a uma amiga, que morava próximo à casa dele, mas a resposta não me agradou:

— *É aquele velho chato e ranzinza que só vive aborrecido?*

Não me contive, procurei o amigo e fui logo perguntando se ele tinha se tornado o velho chato da vizinhança, e ele, de pronto, me respondeu já aborrecido:

— *Quem te disse isso? Quem foi? Me fala que eu quero pegar!*

Ri tanto do meu amigo que ele acabou rindo comigo, voltando ao espírito dos velhos tempos, da alegria das nossas histórias, embalado no amor à cultura macapaense.

João Wilson Savino Carvalho

8 - TECER SONHOS

Todos os dias acordo com as badaladas do sino da igreja e me atento para contar quantos toques soam e saber se ainda tenho tempo ou devo pular da rede e começar a rotina diária. Mas hoje escutei apenas meio toque, o que me sinalizou que eram 6h:30min. da manhã. Eu tive que me levantar. Ainda sonolento peguei a toalha e fui para o banheiro, decidi que iria apenas lavar o rosto e escovar os dentes, pois havia chegado o inverno amazônico e a água estava geladíssima.

A caminho do trabalho continuo sentindo o silêncio da noite. O barulho do vento, produzido pela velocidade da moto, é inerte à calmaria dentro de mim. Estaciono a moto vou em direção à sala da turma 301. Ao entrar, vejo alunos deitados sob os braços das cadeiras continuando seus sonos interrompidos, mas a maioria está com os olhos fixos em telas. Apenas uma aluna percebeu a minha presença ali, sem muita expressão ela apenas observou meu movimento até a cadeira e mesa no canto da sala.

Em silêncio coloco minha mochila sob a mesa e me sento. Fico reflexivo, pois já estamos nos últimos dias de aula e a imagem daqueles alunos adormecidos sob os braços das cadeiras e sob as telas era uma repetição que parecia infinita. Sem nenhuma expressão, movimentando apenas o globo ocular fiquei olhando para os alunos, depois para as paredes e depois para a palma das minhas mãos que estavam apoiadas sob as pernas.

Eu sonolento entre os adormecidos me pergunto quais sonhos habitam aquela sala? Como posso fazer meus alunos sonharem seu eu mesmo não tenho sonhos? Me levanto e os questiono sobre seus sonhos, fazendo o exercício de me questionar sobre os meus. Afinal, quais são os meus planos?, o que quero escrever nas próximas páginas da minha história? Estas questões brotam nos finais de ciclos e quando não respondidas invadem o ciclo seguinte com um silêncio perturbador.

Ao se depararem com tal questionamento vejo a maioria dos rostos atônitos, mirando seus pensamentos, talvez vasculhando as memórias como quem procura algo no seu quarto bagunçado, quiçá escutando o silêncio de uma pergunta ainda sem resposta.

Na terra de Mar Abaixo pode até deixar a maré levar, mas só se for pra descansar em paz. Mestre Sacaca nos mostrou que a gente colhe o que plantou, o que sonhou. Por isso lhes digo, na era da telas é preciso estar atento pra não se distrair e morrer por dentro. É preciso sonhar. São os sonhos que devem nos guiar, e não deixar a maré levar.

Com meia badalada pra acordar, quantas batucadas são necessárias pra sonhar?

Victor Fernando Ramos de Oliveira

9 - A ALMA DO MARABAIXO

O vento soprava leve, mas carregado de expectativa. No centro da roda, os tocadores ajustavam as caixas, enquanto os dançarinos se posicionavam ao redor. As saias rodadas balançavam suavemente, e as blusas floridas pareciam brilhar sob a luz dos lampiões.

De repente, o som das baquetas cortou o ar. A roda ganhou vida. O ritmo das caixas crescia, ora acelerando, ora quebrando, guiando os passos dos dançarinos. Era o relógio contrário invisível que ditava o movimento da roda, conectando todos àquela energia.

Os pés batiam forte no chão de terra batida, levantando uma poeira que parecia dançar. Cada movimento dos corpos carregava a essência de uma história, um pedaço da memória de um povo que resistiu ao tempo, às gerações.

As vozes começaram a se erguer, entoando versos que falavam de lutas, amores e vivências. A música era mais que melodia; era narrativa, resistência e identidade. Em cada palavra cantada, as histórias das gerações passadas ecoavam, embaladas pelo ritmo pulsante das caixas.

O marabaixo transformava o ambiente. Não havia espectadores; todos eram parte da roda, mesmo os que apenas batiam palmas ou assistiam com olhos marejados. A dança, com suas pisadas firmes e giros envolventes, abraçava a todos.

As saias rodadas giravam como redemoinhos, as blusas vibrantes acompanhavam os movimentos. O clima era de celebração e pertencimento. Ali, a cultura afro-amapaense se fazia viva, uma ponte entre passado e presente.

O som das baquetas, tão firme quanto o bater do coração, cessou repentinamente. O silêncio que se seguiu foi quase sagrado. Era o momento de refletir sobre o que acabara de acontecer: não apenas uma dança, mas uma manifestação da alma daquele povo.

Na roda, onde tudo começa e termina, ficava a certeza de que a arte do marabaixo era mais que música e dança; era um elo inquebrável, uma resistência que marcaria em todas as vidas.

Caroline Borges Monte

10 - OS PERIGOS DO RIO

Mocinha sempre foi uma menina muito comportada, nunca deu trabalho para sua avó nem em sua adolescência, e agora, dita moça feita, continuava sendo um exemplo de virtude e dedicação à igreja, retribuindo em cuidados à avozinha que a criou desde o fatídico acidente fluvial que ceifou a vida de seus pais. Seu único defeito era a fixação que tinha pelo rio. Parecia até algo de místico, porque o esperado é que o caudaloso rio Jari lhe impusesse um mínimo de respeito, mas não, Mocinha, nesse caso, era até um pouco abusada, tomando banho no rio a qualquer hora do dia e da noite, cobrindo o seu corpo exuberando apenas com um longo e folgado vestido de pano leve, que, molhado, delineava suas pernas grossas e suas belas nádegas. Nunca tinha tido um namorado e nem parecia sentir falta. Embora a comunidade quilombola em que vivia, às margens do rio Jari, não apresentasse nada de motivador para uma jovem como ela, Mocinha nunca demonstrou nenhuma insatisfação com sua vida de ribeirinha.

Sua avó era a matriarca da vila e seu tio o piloto do barquinho que fazia a viagem semanal a Laranjal do Jari, e que, assim como grande parte dos moradores da comunidade, fazia parte da família. As casas eram todas de madeira, elevadas do chão, dispostas ao longo da lamacenta margem do rio, cada uma com seu trapiche de madeira, erguido sobre vigas de quariquara fincadas na lama, e que eram lambidos pela maré alta, o momento preferido de Mocinha para se jogar na água, sem esconder a felicidade que sentia com algo tão simples.

Botos apareciam de vez em quando, e embora as lendas sobre os poderes desse animal sobre as mulheres corressem soltas nas noites iluminadas à luz de lampião da vila, Mocinha não tinha medo e até zombava dessas crendices. Ela era cristã e acreditava em Deus, e isso a fazia sentir-se imune. Além disso, quase todos os homens da vila eram seus parentes, e a condição de cria da matriarca da vila lhe conferia ainda mais respeito.

Sua avó, muito religiosa também, nunca lhe infundiu medo de botos, mas sim do temível candiru, o peixe-vampiro, que segundo contavam os mais velhos, era capaz de se introduzir nas entranhas de uma pessoa e causar uma destruição inimaginável. Mas Mocinha seguia à risca as orientações dos mais velhos: jamais entrar no rio menstruada ou fazer xixi na água, porque o peixe vinha atraído pela ureia ou pelo sangue. As piranhas do rio Jari também causavam uma certa apreensão, principalmente a piranha preta, bem maior que a vermelha e tão feroz quanto. Entretanto, essas piranhas tinham um comportamento relativamente previsível. Como eram intensamente pescadas, e como os botos apareciam muito nessa área, as piranhas afastavam-se do entorno dos trapiches da vila, concentrando-se em áreas de criação de animais.

E foi assim que Mocinha começou a prestar atenção no boto. Era muito grande, o maior que ela já tinha visto. Os botos tucuxi geralmente têm o comprimento equivalente à altura de um homem de pequena estatura, mas este era bem maior que



isso. Tinha o dorso de um cinza-azulado e as laterais de um cinza quase branco, o que lhe dava um aspecto muito bonito. Outra coisa interessante é que quando aparecia esse boto, não se via nenhum outro por perto.

Um dia, quase como uma brincadeira, Mocinha teve a ideia de oferecer-lhe um peixe. De início, pareceu ignorar a oferta, mas depois, quase como uma cortesia, aceitou. Ali começou a amizade entre os dois. Logo, todos na vila comentavam. Um primo de Mocinha, Jamil, um garoto de onze anos, jurou que viu o boto mundiando a moça, e que tinha sido mais de uma vez. Mocinha acabou sendo obrigada a se confessar com o padre, que depois acalmou todo mundo, dizendo que não estava acontecendo nada, e aproveitou para dar um ralho geral em quem incentivava essas crendices.

O fato é que mocinha apareceu grávida, mesmo sem ter sequer um namorado. Sob intensa pressão, acabou confessando que estava sentada na ponta do trapiche em uma noite de lua cheia, com a maré transbordante, quando o boto apareceu e de repente tudo escureceu, a água parecia sangue e até o céu ficou raiado de vermelho. A lua sumiu e Mocinha se sentiu como num transe, totalmente paralisada, quando o boto saltou da água para cima dela, que instintivamente se abraçou com ele, não sabe por quanto tempo. Quando deu por si, tudo já tinha voltado ao normal.

A princípio, riram e duvidaram dela, mas quando Jamil disse que tinha visto tudo, e garantiu que Mocinha tinha inclusive levantado o vestido, começaram a acreditar. E quando o padre lembrou de uma noite de lua em que tudo escureceu de repente, com o céu em um tom púrpura, as pessoas começaram a mostrar compaixão por Mocinha. Uma tia de Mocinha muito conhecida por conseguir compatibilizar do culto aos orixás com a religião católica, não só confirmou ter visto, cerca de três meses, uma noite em que o céu ficou raiado de laranja, mas também explicou detalhadamente o fato de a água ter virado sangue como um sinal para a comunidade.

Diante de tantas evidências, até o padre se conformou e aceitou Mocinha de volta à Igreja, passando até a ajudar na manutenção da criança. Até a avó de Mocinha voltou a ser compreensiva, principalmente depois que a criança nasceu, um bebê tão vermelhinho, que acabou se tornando a atração daquela comunidade quilombola.

Mas, e o boto? Ah! O boto sumiu, nunca mais foi visto naquelas paragens. É sempre assim, nesses casos eles sempre somem.

João Wilson Savino Carvalho

11 - A CHUVA

Quando os homens e suas máquinas foram embora, deixando apenas rastros de destruição para trás, sobraram apenas eu e minha avó pelas redondezas do que antes era um rio.

Pelo menos era isso que ela me contava.

O mundo no qual nasci era o mais diferente possível das histórias que minha avó narrava. Em seus contos, o solo escuro e úmido, a paisagem preenchida pelo verdejante da floresta e as águas corriam rebeldes nas correntezas de um rio sinuoso e barrento. Quando eu olhava ao meu redor, porém, tudo o que via era uma terra arrasada, um sol escaldante que parecia ter ateado fogo em tudo que antes era vivo e o solo seco e quebrado por rachaduras, onde parecia impossível um rio ter um dia habitado.

Em um local onde a esperança não possuía raízes, era difícil não ser fascinada por um passado que mais parecia lenda.

Eu queria poder ver tudo o que minha avó falava sobre, mas não podia. Então, ela me pegava pelo braço e descíamos até o chão murcho onde ela insistia ter existido água. Eu dizia ser impossível ter tanta água assim em um só lugar. E, se fosse possível, para onde ela havia ido? Daí, ela me sentava no seu colo e começava a falar.

Foi assim que passei minha vida, com as memórias de minha avó sobre a natureza que ela tanto amava, me embalando na rede, até eu dormir. Apesar de nunca ter visto as coisas sobre as quais minha avó contava, eu parecia conhecer aquele mundo como se ele fosse meu. Mas, quando cresci, comecei a fazer perguntas que ela não sabia responder muito bem. Eu questionava mais e mais sobre o que havia acontecido com o verde exuberante que cobria as terras, como tudo aquilo havia acabado. O porquê de não terem conseguido impedir. Aí, as respostas da minha avó ficaram confusas, ela não sabia dizer o momento exato em que aquilo deixou de existir, apenas que uma vez acordou e se deu conta de quanto haviam perdido.

— Só sei que, um dia, a chuva parou de chegar — era o que ela dizia.

Eu conhecia a chuva. Não por vista, mas por palavra. Sabia que ela havia existido porque minha avó havia me dito.

Ela amava a chuva.

Quando era inverno, ela contava, todo dia era dia de chuva. Às vezes, era violenta, as gotas caindo com força nos telhados das casas; outras, era calma e suave, uma garoa que acordava os moradores nas manhãs frias. Quando a chuva vinha, as árvores da floresta adquiriam um tom de verde profundo e o mundo inteiro tinha cheiro de terra molhada.

Mas, um dia, a chuva parou de chegar. E nunca mais veio.



Com o tempo, o repertório de histórias sobre o antigo mundo havia se esgotado, mas eu não me importava de ouvir a mesma fábula duas ou três vezes. Desde que eu pudesse fugir por um tempo da hostil realidade, eu as ouviria mais mil vezes.

No entanto, quando as doenças do corpo não conseguiram alcançar minha avó, algo muito pior conseguiu.

Então, dia após dia, minha avó definhava mais um pouco, esquecia-se de suas receitas, de suas histórias, de seu mundo. Logo, ela se esqueceu de mim e me percebi completamente sozinha naquele lugar infrutífero e apocalíptico.

Mas ela não se esqueceu da chuva.

— A chuva parou de chegar... — era o que ela repetia incansavelmente em murmúrios pelos cantos da casa.

Por aqueles tempos, já não havia mais esperança para ela, tudo o que eu podia fazer era remediar sua ida com meus cuidados. Mesmo assim, eu era incapaz de permanecer ao seu lado, presenciando tão de perto a casca na qual ela havia se tornado.

Um dia, a chuva chegou de novo, mas minha avó já não sabia mais a reconhecer.

Ela olhava para a água que descia em cascatas pelo vidro da janela como se não pudesse compreender.

Mas eu entendia.

Nessas ocasiões, eu saía de casa e sentia a água límpida cair em minha pele, molhando meu rosto e resfriando todo o meu corpo. Olhava para a imensidão do solo seco e via suas rachaduras serem preenchidas pela água que se movia com glória.

Passei horas, quase dias, ali, observando um rio barrento se formando novamente e suas ondas molhavam o caminho por onde meus pés um dia andaram.

Quando voltei para casa, uma vez, porém, minha avó envolveu-me em um abraço caloroso. Ao olhar em seus olhos, pude ver finalmente a minha avó. De verdade. Não a concha vazia que havia sido deixada para trás.

— Ah, minha filha — ela me chamou, como já não me chamava há anos — Você não acha a chuva linda também?

Retribui o abraço com força, aproveitando o raro momento em que ela estava ali comigo, por mais que soubesse que essas memórias não iriam perdurar em sua mente. A tristeza preenche meu coração, mas, quando olho pela janela, me lembro do rio correndo livre não muito longe dali.

A promessa de uma terra encharcada navega pelo vaivém da maré, pois a chuva estava de volta.

Maria Eduarda Costa de Sá

12 - *HIRONDELLE DO CEARENSE*

Nos anos 70, uma viagem ao município do Amapá, a 302 km de Macapá, era uma longa viagem por uma estrada sem asfalto, muitas pontes em madeira, malconservadas e uma travessia de balsa sobre o Rio Araguari, em Ferreira Gomes.

Sem ônibus, que fizesse o transporte coletivo de passageiros e cargas, a viagem era feita em caminhões, os chamados paus-de-arara. Na atualidade, o deslocamento de Macapá até o Amapá faz-se em aproximadamente cinco horas de carro, utilizando-se as BRs-156 e 210.

Em 14 de março de 1970, um Hironnelle, aeronave de pequeno porte, da PTA-Paraense Transporte Aéreo (Pobre Também Avoa, no dizer popular) caiu na baía de Guajará, em Belém, causando a morte do músico-comediante nordestino Coronel Ludgero, que viria fazer um show em Macapá.

Foi nesse mesmo ano, que na companhia de minha tia e madrinha, professora Cezaltina Lima, fiz uma viagem no “Hironnelle do cearense”. Esse foi o apelido dado ao caminhão dirigido pelo Sr. Hélio Abreu, nosso vizinho no bairro do Trem, um cearense de andar empertigado, pele muito branca, olhos claros e pescoço vermelho, o que lhe valeu o apelido de “Galo Teso”.

Quando minha madrinha foi até à casa do seu Hélio, para acertar a viagem, ele fez questão de reservar a boleia para nós duas. A cabine do veículo era lugar disputado, significava o mesmo que viajar de primeira classe, ou premium, como se diz atualmente. A deferência certamente tinha a ver com o apreço do vizinho por meus pais. Mas na hora do embarque, quando viu que junto aos seus pés estaria a bateria do carro, com fios expostos, tia Ceza desistiu do lugar privilegiado. Apesar da insistência do motorista, ela preferiu viajar na carroceria.

Não tínhamos escolhas, tipo as oferecidas pelos guias de passeios de bugues, nas praias do Nordeste brasileiro: - com ou sem emoção?

Ali era sempre com muita emoção e tensão, principalmente quando chovia e a estrada sem encascalhamento tornava-se altamente escorregadia e perigosa.

Não bastasse o cenário desafiador da estrada, o caminhão também transportava uma variedade de mercadorias e passageiros, cada um com suas histórias e esperanças. Em meio a sacas de farinha, caixotes com pequenos animais e latas de querosene, dentre outras mercadorias, fluíam as vozes dos passageiros que se sobrepunham ao ruído do motor do caminhão, conversas e rezas pela segurança da viagem. Tinha a mulher grávida visivelmente entojada, despejando vômito em uma encardida fralda de algodão. Outra mãe, entretida em catar piolhos dos filhos crianças. Mas também se ouvia risos sobre os causos da vida interiorana, criando um elo inesperado entre os viajantes.



Naqueles dias a tensão era maior ainda, uma vez que semanas antes, um caminhão perdera os freios e caíra no rio Araguari, com carga e passageiros. A tragédia com a aeronave da PTA ainda era comentada. O caminhão começou a apresentar problemas antes mesmo de sair de Macapá, o temor maior era a chegada à íngreme ladeira do Tartarugalzinho e a tal travessia de balsa, em Ferreira Gomes.

Mas não foi nenhuma coisa, nem outra que nos levou a grandes emoções naquele dia. Eu cochilava recostada em uma saca de farinha, quando acordei com gritos de: — *fogo! fogo!*

Só o instinto de sobrevivência para explicar a descoberta que fiz naquele dia: no Hironnelle do cearense, pobre também avoava. Em segundos voei para fora do caminhão que pegara fogo justamente na parafernália de fios atados à bateria que alimentava a ignição do veículo.

Vânia Beatriz Vasconcelos

13 - A CASAMENTEIRA

O mês de junho era o mais esperado pelas moças e moços da pequena ilha de Santana, no Amapá.

Tia Maria era responsável pela festa mais animada daquele lugarejo, ela escolhia os noivos para casar na festa junina ao redor da fogueira, isso era um acontecimento marcado no calendário do povo da ilha, todo dia 13 de Junho, dia do santo casamenteiro, o Santo Antônio.

Era tão bom e aguardado pelos moradores, que no outro ano os noivos casavam de verdade, dizem que ela tinha o dom de unir as pessoas, era um cupido de mão cheia, era o cupido das fogueiras, todo ano ela acertava em unir as pessoas e as famílias daquele lugarejo, e todos gostavam da união que ela fazia entre as famílias da ilha.

Ela conhecia cada criança daquele lugarejo, que logo era adolescente e logo estaria na lista de espera do famoso casamento para encontrar o amor da sua vida. Rosa foi uma moça que pediu para sair da lista do casório, pois queria ir para a cidade grande estudar e se tornar médica, tia Maria aceitou e sabia que no futuro teria uma médica das boas na ilha.

E logo riscou o nome da moça da famosa lista, que guardava a 7 chaves e ninguém sabia como ela acertava, uns diziam que era um dom, outros diziam que ela sonhava com Santo Antônio e ele mostrava quem eram os futuros noivos, era segredo bem guardado pela tia Maria. Ela era uma lenda naquele lugarejo e madrinha da maioria das crianças da redondeza, que eram batizadas na igreja e na fogueira.

A festança era o dia todo, com café da manhã, almoço e janta feita com muito carinho pelas melhores cozinheiras, tinha o famoso bolo de macaxeira, o caldo de mocotó com muitas verduras, e a galinhada de galinha criada no quintal com milho que era plantado e colhido especialmente para alimentá-las, e todos recebiam as ervas para o famoso banho de cheiro. A festa encerrava com a derrubada do pau de sebo, e muita alegria dos moradores.

Todos voltavam para casa felizes e ansiosos para a festa do próximo ano e curiosos para descobrir se tia Maria iria acertar novamente.

Jaciara Santos Martins



POEMAS

1 - PEQUENO MANUAL INDIGENISTA

Não cales cantos de florestas,
tu que desmatas.
Não ameaces com trator,
minerador.
Não sujes rio a correr limpo
sem teu garimpo.
Não aches que não é selvagem
tua grilagem.
Não tornes terras teu mercado
colonizado.
Não assassines ativista,
extrativista.

Não mates deuses doutro lado,
cristianizado.
Não zombes de lendas e mitos
por preconceitos.
Não tires a demarcação,
branca invasão.
Não negues proteção do Estado,
Seu Deputado.
Não xingues "índio, primitivo";
diz-se: nativo.
Não moldes como imaginário
o originário.

Rodrigo Mergulhão

2 - HÁ CASTANHAS NESTE LUGAR

A castanheira
Cresceu
Trouxe consigo a sombra
E a casca do fruto endureceu.

A castanheira
Rompeu
A altura dos galhos
E sua no solo se fortaleceu.

A castanheira cedeu
Sombra, madeira e fruto
Mas cuidado
O fruto, ao cair, não fendeu.

A rigidez do ouriço
Embruteceu
O fruto da mata e tudo que é seu
Mas a cutia e a arara a rompeu.

Há castanhas por cá
Neste belo e longínquo lugar
No Sul do Estado do Amapá
Assim ouvi falar.

A caminho do rio Jari
Passa-se pelo Maracá
E pela Resex do Cajari
Muita castanha ali, também, há.

E o Iratapuru?
Lá irás encontrar
Mas é um outro explorar
É o óleo da castanha a retirar.

Castanha, seja do Brasil ou do Pará
Da Amazônia ou do Amapá
É alimento ou cosmético para usar
É remédio para remediar.

Castanha é vida, ao alimentar
É cosmético, ao embelezar
É remédio, ao curar
É cultura, ao se explorar.

Castanha é economia, ao se exportar
É história, para se contar
É geografia, ao se localizar
É natureza, ao se replantar.

Jadson Porto

3 - BOMÃTÊ A SUE NÂNWI

No amanhecer da Jacy Barata, sob o sol
que espreita,
eles jogam vôlei, e o dia se ajeita.
Ela voa leve, como o Guará cor de chama,
Ele mergulha fundo, como o Pirarucu na lama.
Eu rio sozinho, sem me preocupar,
o jogo é a desculpa pra gente estar lá.

Do vôlei, seguimos ao Mercado Central,
café reforçado, um banquete matinal.
Cupuaçu no suco, bolinho de macaxeira,
a mesa é simples, mas a alegria é verdadeira.
Ela comenta sobre o dia que virá,
ele calcula o que dá pra gastar.

Meio-dia, no Aconchego da Floresta,
um almoço tranquilo, comida e festa.
Peixe grelhado e tacacá na panela,
o sabor do Amapá, ninguém supera.
Entre conversas, o dia vai fluindo,
e o calor da amizade segue nos unindo.

À tarde, o Amazonas nos chama a brincar,
as águas frescas, o corpo a lavar.
Ele me ensina o jeito de nadar,
mas quase me perco, sem saber flutuar.
Ela mergulha, rindo sem parar,
e eu agradeço por não afundar.

Ao cair da tarde, no Bar do "Fofão",
um bilhar disputado vira diversão.
Ela provoca, ele faz sua jogada,
eu me divirto sem pensar em nada.
A maniçoba chega, sabor regional,
e a cachaça de jambu é o brinde final.

Sob a lua que surge, me deixam em casa, enfim,
Ele dirige, enquanto ela sorri pra mim.
Na despedida, um abraço apertado,
e o dia termina, tão leve e encantado.
Com eles, o tempo parece não passar,
uma amizade que amo amar.

Rafael Silva da Silva

4 - CANTO ENCANTADO, VOZ DO PASSADO

Cocar, terra e canoa.
Arapuca, axé e pavulagem.
Mato, terra e rio sem mil e quinhentos tons de vermelho.

Se os corpos apagados pudessem tocar o tambor,
tremeria para sempre o chão,
para sentir a dor que se enraizou.

Se as vozes amordaçadas pudessem, enfim,
ser ouvidas,
de longe viria o lamento da existência perdida.

As árvores caminhariam para o acerto de contas.
A lama engoliria.
As águas fervilhariam sem matar os peixes.

Vozes de Anhangá, Oxóssi e Curupira
ecoariam dos ameríndios sonhos,
dos sonhos de Antônio Rodrigues, lá de Gurupá,
e dos de Zumbi
que reluzem no lusco-fusco.

Tiago Quingosta

5 - PROGRESSO

Teu santo solo, sincretizado em tanta fé
Guarda rastros de memórias, símbolos de força
Desnudando as pretas mãos que te fizeram
Enquanto olhos d'água choram teu fim
Antes da última gota secar
Antes da última folha cair
Revelando a fragilidade do teu existir
A fumaça anuncia a chegada do tempo ruim
Da tosse seca, e as noites longas sem conseguir dormir
A tristeza dos meninos vendo o rio virar mar
A brecha por onde a gente espiava o futuro amodo que quer fechar
E o teu povo batuca o lamento de um passado quase presente
E de um presente quase eterno que parece não sair do lugar
Me agarro a teus pés que arrastam solidões de outros tempos
Me apoio em teus braços que abraçam gente demais
E sonho os teus sonhos, de que as nossas crianças cresçam em paz.

Jéssica Thaís Lima dos Santos

6 - UMA CRIANÇA RIBEIRINHA

No encanto da infância
Vejo a pureza
Nos olhos da pequena criança
E é com grande emoção
Que tudo se torna diversão
E com a inocência da sua alma
Até o rio se acalma.

Ouço o barulho de um barco
Neste rio a navegar
E a pequena criança
Aprendendo a nadar
Cuidado para não se afogar
Ela pula para lá e para cá
E entre as ondas do rio
Seus cabelos começam a balançar.

Oh doce água
Como gosto de nadar
Sinto a brisa do vento
No meu rosto tocar
E vou nadando sem parar
Até chegar em Macapá.

Flaviani da Silva Queiroz

7 - MACAPÁ DE MINHA INFÂNCIA

Procurei Macapá de minha infância
a cidade que deixei criança.
Não a encontrei, no Gato Azul, no Urca Bar
nem nos uniformes verde “garapa azeda”
dos colegiais do CA.

Procurei Macapá na Beira, no quebra-mar,
no Remanso, ou como queiram chamar,
Não a encontrei na Vacaria, no Elesbão,
nem nos comícios da Arena e MDB,
na Praça da Conceição.

Procurei Macapá nos Armazéns Brunswick
na Casa Estrela, na Casa Lua.
Não a encontrei nos pães e donzelas da Casa Costa
Nem no vendedor de rua.

Nas ruas de Macapá, procurei o tempo inteiro,
não vi o “Camarão Frito”, vendedor de pipoca.
Nem o marreteiro, o raspa-raspa, o cascalheiro
nem o pobre cego, que por dinheiro, a viola toca.

No Ponto de Táxi, da Praça Veiga Cabral
Procurei seu Ferro, Arraia e Macarrão
Chauffeurs, que no calor infernal
Conduziam os possantes, com muita dedicação.

Da banca da Bebê,
onde tomei um tacacá
atravessei pra comprar jornal
Na banca do Dorimar.

Em Macapá, procurei sintonizar
Arnaldo Araújo no rádio a chamar:
- *Venham ao bar Corujão*
- *do meu amigo Nena Leão.*

Também não ouvi o *jingle*
Que tocava sem parar:
- *Quebrou? Flip da outra!*
outra garrafa do saudoso guaraná.

Não ouvi o alegre despertar
do radialista Hermínio Gurgel,
Pai Velho, Pai d'égua, a gritar:
- *Vamos acordar pessoal!*

Procurei na Rádio Difusora, o Clube do Guri
Achei a Ave Maria, que rezavam por nós
Não encontrei o Carnê Social, para chorar e rir
Nem o Amazonas Tapajós, com sua potente voz



Na Feira do Mercado Central
procurei a Garapa do Brotinho
servida com pastelão
temperada com carinho:
- *Moça bonita não paga,
mas também não leva!*

No Trem procurei as matinês do Cine Paroquial,
as reuniões do JOT, as festas da Maroquita;
Do Ginásio Feminino, fugíamos pro arraial
Com advertência da freira: - sossegue a periquita!

Procurei o Biroba e sua impecável locução
Narrando a Copa do Mundo, as peladas
e o campeonato de solteiros e casados
da Praça da Conceição.

Procurei Macapá de mim criança
Retornando de longa migração.
só a encontrei nas lembranças
gravadas no meu coração.

Vânia Beatriz Vasconcelos



8 - SAMAÚMA

Do presente ao futuro
todos ouvem arrebatados
ressoar a ancestral Sapopema
Mãe da Floresta
busca no fundo solo sagrado
e divide, generosa
a sombra e a seiva da vida
Mãe de todas as árvores
é escada do céu.

Felipe Pacheco

9 - RESISTENTE HERANÇA PRETA

Busca de nobre madeira
Estirada pela mata
Com machado corta tora
Lava, seca ao sol, espera

Cava, fura, pega lixa
Usa tinta envernizada
Trata couro, alarga, afrouxa
Prende acima, mete corda

Só afina pela tira
Das orelhas, vibra fita
De miçangas em resposta
Retinindo na esteira

Dá o som numa baqueta
Pois na outra se aguenta
Toca baixo e alto a caixa
A soar na festa inteira

Que da Páscoa já findada
Corta mastro, quinta enfeita
Veste murta feita quarta
Quando então ele levanta

Rezas pra Trindade Santa
Puxa canto, rouba deixa
Faz ladrão durante roda
Sobre vida, história, queixa

Gengibirra, carne assada
Cozidão pra gente toda
Saia, fé, rufar, bandeira
Finda ciclo a derrubada

És quilombo de cultura
Tradição que hoje perdura
África rememorada
Tucuju marabaixeira

Rodrigo Mergulhão



10 - ENCANTARIAS DO AMAPÁ

Nas águas calmas do belo Amazonas,
Canta a história de um povo audaz,
Da fortaleza erguida por mãos humanas,
Guardando a cultura que nunca se faz fugaz.

No saber dos mestres, a ciência germina,
No Amapá, a pesquisa encontra seu lar,
Do solo ao céu, cada riqueza divina,
Mostra ao mundo o valor de preservar.

O batuque ecoa no chão da floresta,
Marabaixo ressoa com força ancestral,
No gingar do corpo, a alma se manifesta,
Raízes dançam num ciclo original.

Da cultura à arte, um legado a honrar,
Pelas mãos habilidosas, o poema se faz,
Seja com a Cerâmica, ou artesanato a inspirar,
Práticas moldadas num talento perspicaz.

O futuro brilha com a força do agora,
Conectando o passado e o presente,
Na juventude que sonha e não ignora,
Um Amapá forte, ativo e consciente.

Seis estrofes para contar nossa essência,
Amapá, tu és alegria do Brasil oriundo,
Com tua gente, tradições e resistência,
Fazes do Brasil o espelho do mundo.

Geovana Moraes

11 - OURO NEGRO DE MACAPÁ

Eis que vejo,
à sombra desses poucos prédios
com o por do sol logo ali
finzinho de tarde, bom pra se divertir.

Encima desse barro líquido
Sacolejando de um lado para o outro,
de um lado para o outro,
de um lado para o outro,
passa-se poucos minutos
e então a minha visão à frente já muda

Eis que vejo
um porto, feio e velho

mas, grande guerreiro
todos os dias abarrotado de embarcações
é de lá
é de lá que sai o sustento de vários
e o tempo passa como um sopro,
sopro igual o que me vem ao rosto
as vezes sinto com se estivesse no Titanic

Eis que vejo
a noite chegou, nem parece que foram só poucos minutos
hora de desembarcar o nosso ouro negro de Macapá.

Yury Goncalves dos Reis

12 - AMAPÁ: TERRITÓRIO DE GUERREIROS

Amapá, permeado de histórias profundas,
Guarda segredos da sabedoria milenar.
Nossa cultura, construída de forma oriunda,
Tradições que o tempo não pode apagar.

Os povos originários, saberes de outrora,
São os guardiões da terra, desse lugar.
Palikur, Waiãpi e Karipuna, nossa aurora,
Harmonia com a floresta, sempre a preservar.

Os Ribeirinhos a cuidar do rio, da mata, do ar,
Com sabedoria conservando nosso bioma.
E assim segue a mãe natureza a nos presentear,
Numa perfeita sintonia, que nos emociona.

Os Quilombolas donos de uma arte secular,
Seja com o batuque, ou com o marabaixo.
Resistência de uma cultura a perpetuar,
E tudo o aconteceu, nada foi por acaso.

Essa diversidade étnica compõe o Amapá,
Com fé, em pé, resiste a cultuar.
Uma história de orgulho, a valorizar,
Precisamos ampliar as vozes de decolonizar.

No Amapá, essas vozes formam a união,
Identidade viva, legado ancestral.
Diversas, juntas, com uma só missão,
Uma herança de força, riqueza imortal.

Geovana Moraes



13 - CORES E SABORES DO AMAPÁ

À beira do rio, onde a vida palpita,
Amapá se revela, em cultura infinita.
Marabaixo pulsa, tambores a soar,
Herança africana, a alma a vibrar.

Na culinária rica, o sabor se encontra,
Tacacá borbulha, em cada garfada encanta.
Peixes frescos, do rio ao paladar,
Açaí cremoso, energia para amar.

Artesanato em cores, a tradição se faz,
Em cada sorriso, a alegria que satisfaz.
Do Forte à orla, a história a contar,
Amapá, terra linda, para sempre amar.

Flaviani da Silva Queiroz

14 - IGARAPÉ DO LAGO – TERRA DOS MEUS ANCESTRAIS

Na terra dos meus ancestrais.
Centram-se culturas e histórias.
E nelas vejo entrelaçar,
Nossas ancestralidades e nossas memórias.

Igarapé do Lago teve muitos nomes,
Que denotaram a posse,
Do interesse daqueles
Em garantir o seu desejo atroz.

Um dos nomes foi Santa Bárbara.
Pela fé, resistência, razão e lutas,
Da ousadia e coragem nativa,
Daqueles que enfrentaram batalhas e condutas.

Desde a origem da posse à ocupação,
Os saudosos e antigos moradores contavam,
Que negros alforriados de Mazagão Velho,
Chegaram ao Igarapé do Lago e ficaram.

Com um tempo neste lugar,
Tiraram da bagagem costumes e tradições;
Ritos religiosos e profanas;
Que hoje perpassam de gerações em gerações.

No quilombo tem rezas, novenas, folias e festas;
Batuque e bandaias que tocam a emoção,
Marabaixo e ladrão que cantam
histórias ancestrais com empolgação.

Igarapé dos meus ancestrais;
Meus DNA's herdo de ti.
Junto as identidades culturais,
Que ecoam e ressoam em mim.

Quem nasce e descende de teu território,
Sabe sentir a magia presente.
É uma conexão que falo,
Que só sabe quem sente e descende.

Neuma dos Santos de Jesus Silva

15 - RIBEIRINHO

O ribeirinho ou pescador
É um bom trabalhador.
Mora na beira do rio
E é feliz com o seu plantio.

Enfrenta a maré
Com muita coragem e astúcia,
Pois não é mané.

E há quem diga que é
História de pescador,
Mas só o ribeirinho
Sabe o que passa,
Enquanto joga sua tarrafa.

O ribeirinho tem
Conhecimento e experiência
O que enriquece sua vivência.

Seja em embarcação
De pequeno ou grande porte
Ele não conta com a sorte.

E não é qualquer pessoa que
Vê suas vitórias
Que aguentaria a trajetória.

Lana Vicência Costa dos Anjos

16 - EIS AS VOZES DA COROA DO NORTE

*Com toque da caixa e rufar dos tambores
Apresento essa terra de tantos valores
Dos guardiões Galibis, Karipunas e Waiapis
Celebro as vozes originárias daqui!*

*Quem conhece o nosso Amapá
Se encanta com o brilho do povo
Das rodas de Marabaixo em Macapá
Até as festas do Turé dos Galibis-Marworno
Terra Indígena no Vale do Rio Uaçá
Culturas vivas do nosso Amapá!*

*Ei, te puxa! Tudo aqui é resistência!
É namorar nas águas desse Rio-Mar!
saborear gengibirra escutando batuque!*

*Rodar das saias, escutar os Canteiros
Da favela, dos Ramos guerreiros!
Africanidade, cultura e atitude!*

*Quando estiver na Terra dos Maracás
Escute a melodia da voz e do chiado
Desfrute, olhe pro lado, veja toda a natureza
O berço do Açaí, da farinha gostosa
Do vento da orla, de todo lugar
Sinta a diferença, sempre vai querer
Voltar, para a coroa do norte
Para o Estado do Amapá!*

Adail Silva

17 - CENÁRIO AMAZÔNICO

Vem ver o verde exuberante
da nossa Amazônia
pura beleza, inspiração e sensibilidade
aos viventes do nosso planeta terra
É da própria natureza
ser verdadeiros Caboclos amazônicos
ver o verde da nossa mata
e nadar nas águas doce e fria dos rios
se extasiar com paisagens
puramente natural.

E o que dizer das crianças ribeirinhas
Ah! Elas se aventuram nas canoinhas
que trafegam neste imenso rio
de lá e pra cá mesmo não sabendo nadar
todos os dias, pura rotina

misto de emoção e apreensão
de um jeito tão natural
remam, remam, remam
rio acima, rio abaixo,
à favor e contra a maré

No retorno as canoinhas
trazem o ganha pão
E as crianças ribeirinhas?
Ha! Elas, sob sol escaldante
brincam esfuziantes
em meio as sacas de açáí
enriquecendo ainda mais
este cenário Amazônico

Hammet Mariah



18 - ALUÍSIO, HERÓI DO AMAZONAS

Nas águas profundas e vastas do rio,
Um coração valente, sem medo, partiu
Aluísio, teu nome em correntezas vive, Num ato de amor, tua história revive

Na luta com o rio, fostes forte,
Um gesto imenso, além do norte.
Dois corações salvos em teu braço,
Mas no fim, foste levado pelo abraço

Bravo amigo, nos deixas lições
De altruísmo em atos tão bons.
Que o grande Amazonas te receba Aluísio o céu festeja.

Tendo sangue do norte,
virou guerreiro do forte.
Que a rampa, antes conhecida como do açaí,
receba teu nome como referência de bondade.

Karen Camile Andrade de Abreu

19 - RIBEIRINHA, RIBEIRINHO

Na vida, a beira-mar,
Não precisamos nos afobar.
Organizo as cestas,
Preparo o matapi, o meu anzol,
Vou apanhar açaf.

Deço rumo ao rio,
Não é na esquina logo ali,
E bem em frente a mim,
Apenas alguns passos.
Corre, curumim!
Tim bum!

Dizem que sou ribeirinha, ribeirinho,
Que moro à beira do rio,
Mas, atualmente, não pego meu anzol,
Não seguro meu matapi,
Cavo o leito do canal,
A água faltou para mim.

Resultado de uma estiagem viceral!

Poderia eu perder esse adjetivo,
Devido à ameaça de um rio sem vestígios?
Poderia eu gritar e dizer:
Salve o rio-mar! Restaure a fauna e flora!
Nesse século de tanta pressa,
Quem me escutaria?

O adjetivo humano
terá novo significado?
Será apenas a grande lamentação
De uma história de destruição?

Vamos refletir e sermos a gente em ação,
Restaurar, preservar para a futura geração.

Juciane Rios

20 - SAIA RODADA

Hoje, minha saia rodada ao som do tambor
Balança na roda de marabaixo.
É o dia de celebrar minha tradição,
Resistência à aculturação.

Nessa sexta-feira, meu vestido branco rodado
Desfila na orla do rio mar,
Adentra nos terreiros da minha fé,
Pois, o intuito é celebrar
Todas aquelas que pintaram
A tela da minha existência.

Hoje, a menina que não ganhou a boneca da Itália
Processo da discriminação e do racismo
É mãe de santo, sim, senhor!
É mãe iorubá,
Salve Xagô, oxum, oxalá.
Salve Yemanjá!

Divindades da minha religião iorubá,
Esse é o legado das minhas ancestrais,
O conhecimento das plantas, da floresta, das riquezas
naturais.

Okê, okê Oxóssi!
Construa o caminho da sabedoria e liberdade,
Não só para mim.
Faça da casa (ilé) e do terreiro (kanzo)
O lugar de resistência e fé
Para que possamos prosperar.
Axé! Axé! Axé!

Hoje, fui convidada a usar as palavras,
E dizer quem fomos, quem somos e quem seremos.
Hoje, minha voz ecoa nas frases desse poema.

É na escrita que minha identidade permanecerá,
É no marabaixo que ecoará.
A resistência de mulheres negras
Que no balançar das saias,
Que no cantar dos ladrões,
Que no arrastar dos pés,
Que no princípio matriarcal
Constroem no Amapá
Sua maior expressão cultural
Seu maior patrimônio imaterial

Juciane Rios

21 - RODOPIA MARIA

Os raios de sol incidem sobre a pele de Maria
E ela vê o brilho de seus ancestrais refletidos em
sua melanina
É vela de benção, proteção de guia
A ancestralidade, palavra chique da academia
Está em cada passo dessa menina
Passo de gira, girando a roda da vida
Na roda de marabaixo é ela quem brilha

O tambor de guerra puxa a repentista
Roubando o normal dos dias
E transformando tudo em poesia
Ela é filha das bacabas
Mulher feita de chuva
Irrigando a própria raiz
Brotando na Capital do Amapá
Rodando sem parar
Insistindo em ser feliz.

Jéssica Thaís

22 - CACHOEIRA DO AMAPÁ

Por que choras, cachoeira?
A quem tuas águas pranteiam?
Rio que corre nas tuas veias
E com violência busca o mar.

Eu na tua margem choro...
Em loucura, descontrolo...
Peço a Deus, a ele imploro...
Para o meu amor passar.

Em uma canoa assim dourada...
Transportando minha amada...
Toda bela e enfeitada...
Linda feito lemanjá.

E assim tomo a decisão...
Na margem não fico, não...
Dou um salto na ilusão...
E vou a ela me juntar.

Lá onde a água açoita a rocha...
Onde a cicatriz é exposta...
Faca afiada, lâmina posta...
Vou ao fundo me atirar.

Lusco-fusco ao fim de tarde...
Dou-me asas de insanidade...
Quero que me rasgue a carne...
Quando nela mergulhar.

E assim em ti me afogo...
Assim libertas minha alma...
Trás de volta a minha calma...
Cachoeira do Amapá.

Augusto Leite

23 - MARÉ DE (PRÉ)AMAR

A Amazônia me encantou,
Em sonhos claros me abandonou,
A noite e dia transmitia beleza
Em sintonia com a natureza

Se o luar não quer brilhar,
A lamparina com sua luz reluz,
Ao amanhecer, me conduz
Aos pássaros a cantar

Na rede a me embalar,
E com um ensejo tão profundo,
Me indago: por que, no mundo,
Negam-me o direito de estudar?

E como solucionar?
Essa grande afiliação
Se não a própria Educação,
Espere a maré de preamar,

E minha avó a gritar,
- Já é maré de preamar!
Teu avô está a te esperar
Lá no porto a embarcar!

O coração aperta,
Deixo minha terra, meu chão
A roça, o açai e o pirão
Estou indo em busca de educação

Aqui é o teu lugar!
Sempre que quiser nos encontrar,
E a maresia estará a te confortar
Embalando-me na rede estou a chorar

Os rios me levam, sem parar,
Ao meu destino que é Macapá
Quero um lugar para chamar de lar,
E assim eu possa me acomodar

Ainda que tente me desraizar
Estarei sempre a Resistir
Para romper com as opressões.
Resistir, Resistir e Sorrir!

Elaine da Silva Gomes



24 - A VELHA DA LAMA

Que festa linda, de saias floridas
De santas negras e joias douradas
O ibiri de búzios na mão, olha sobre todos
Como giram e giram, com os pés juntos

É noite de Marabaixo
Durmo cedo, sobre os risos altos
Não me incomodo com sua alegria vizinha
Seus passos são traços do que somos

E em meio de tantas cores
Comida e bebida
Como dançam a noite inteira?
A resposta está na vida

Que festa linda, perfeita
Sinto que jamais vou compreender
Pois há segredo na noite dos pés juntos
E a velha marabaixeira a me ver.

Mauro Renato Alves Brandão



25 - RIO AMAPARI

Brasileiro tu és
No Norte banhas o estado do Amapá
Do alto da Serra do Navio Nasces
Ainda banhas no Amapá
Pedra Branca do Amapari
E serra do Navio

Desaguas ao longe
No majestoso Araguari
Nas terras de Porto Grande
Com as delícias do abacaxi
Assim és tu
Querido Amapari.

Elza Lopes de Oliveira

26 - RIO ARAGUARI

Óh, Rio Araguari!
Que em você habita peixes,
Que dá sustento
Há várias famílias
Comida aos ribeirinhos
E emprego aos pescadores.

Óh, Rio Araguari!
Que em ti é o motivo
Da felicidades de vários banhistas.
Rio Araguari és tu,
O rio mais belo que há.

Mas há quem se engane
Com a sua calma-ria.
Pessoas desavisadas
Já tiveram um triste fim,
Em ti, Rio Araguari.

Assim como tudo o que é formoso
Pode ser perigoso,
Tem que ser cauteloso.
Pois tu não é diferente,
Meu saudoso e majestoso,
Rio Araguari.

Lana Vicência Costa dos Anjos

27 - CANÇÃO DA MADRUGADA

Acordo-me com sede em plena Madrugada
Bebo do pote um bom gole de água gelada
Emballo-me procurando o sono, mas nada
Sinto a noite lá fora, calma e iluminada

Aqui dentro, escuto os ponteiros das horas
E zumbido de carapanã rente o ouvido
O tempo não passa, a insônia me devora
Decido abrir a porta e sou surpreendido

Escondida nas margens, atrás das aningas
A Lua, em um leito de constelações
Refletindo nas ondas enchentes das águas
Sou dominado por milhões de sensações

Tão claro é o luar que dispenso a lanterna
Ouço vozes murmurando uma melodia
Os peixes no igarapé, as aves noturnas
As folhas na mata; em perfeita harmonia

Deito-me ali, naquele chão frio de madeira
Ouvindo a canção, no colo da Natureza
Com o vento, acaricia meus cabelos
Faz-me adormecer, espanta meus pesadelos.

Andreo Oliveira de Lima

28 - ABRAÇO TUCUJU

Quando vim para cá,
nada foi de encantar.
O céu parecia distante,
a terra, um silêncio cortante.

Do meu lugar, trouxe uma saudade
Mas o Amapá me mostrou uma verdade,
sua voz me encontrou e ecoou.

Nela pude sentir o chão e a terra vibrar.
e nas águas do Amazonas, me reencontrar.
Saber que o norte é o meu caminhar.
Não importa a onde eu vá.

Agora a minha raiz se entrelaça em terra tucuju,
Onde eu consigo escutar o batuque do Amassunu,
Me dizendo: "deixa o rio guiar teus passos,
aqui, cada som é um abraço"

Jennifer Luana Maia Freitas'

29 - UM MILAGRE NO CAFÉ DA MANHÃ

Tão cedo, pela manhã, via minha avó,
Fazendo o café, com amor e cuidado.
No coador feito por suas mãos habilidosas,
Nascia o aroma que enchia o lar.

No pequeno pátio de madeira,
Uma mesa simples, com marcas de uso,
Aguardávamos o café, tão bom e cheiroso,
Fruto do trabalho de suas mãos dedicadas.

Ela comprava os grãos na baiuca,
E com paciência, moía-os no pilão.
Meu avô aguardava ansioso,
Para levar na garrafa, seu companheiro fiel.
Ele dizia que o café espantava
O sono e a fome, em seu trabalho noturno.
Longe de casa, mas perto do coração,
O café de minha avó, um tesouro verdadeiro.

A casa, um presente de meu pai,
Um pequeno pedaço de chão, invadido com amor.
Um barraco simples, com um quarto e sala/cozinha,
E um pátio onde o sol nasce e se põe.

As tardes quentes, minha avó se abanava,
Enquanto eu tomava banho, feliz e sem cuidado.
A voz dela ecoava: "Sai logo daí, vai fazer um rio!"
Momentos de infância, pura alegria.

Vida rica e feliz, meu Casarão,
Tempo bom que não volta mais.
Café com pão, alimento simples,
Jantar da noite, amor que permanece.

Casa pequena, humilde, feita de madeira,
Para mim, um palácio de lembranças eternas.

Gracianne Santos do Carmo

30 - ELEMENTOS

Na dança cósmica dos elementos,
O amor emerge, sublime pleno de sentimentos.
Terra, firme e estável como um coração leal,
Abriga sementes, como o amor no solo do real.

Fogo, ardente chama de paixão,
Combustão de desejo, na noite em profusão.
Aquece almas como o calor de um abraço,
Eclodindo em labaredas, no espaço.

Ar, sutil e livre como o pensamento,
Leva consigo suspiros de um sentimento.
Nas asas do vento, o amor flutua,
Sussurrando segredos, na brisa que insinua.

Água, fluindo em emoções a transbordar,
Como um rio, o amor encontra seu lugar.
Correnteza que molda a paisagem do coração,
Unindo destinos, numa doce conexão.

A vida, qual rio que serpenteia o viver,
Leva consigo histórias de amar e sofrer.
Cada elemento, uma metáfora do sentir,
Na sinfonia do amor, a existência a redefinir.

Assim como a Terra, firme e duradoura,
O amor é a base, a fundação que perdura.
O fogo, faísca que incendeia a alma,
Queimando paixões, numa dança que embalsama.

No ar, a leveza das juras silenciosas,
Que se misturam com suspiros e rosas.
E na água, a fluidez de um compromisso,
Que segue o curso, como o rio no precipício.

Elementos e sentimentos, entrelaçados vão,
Na poesia eterna do amor, da vida o refrão.
Como o rio que flui, inexorável e intenso,
Assim é o amor, fluindo no curso do tempo.

Argemiro Midonês Bastos

31 - ETERNO AMAPAENSE

Nascido e criado pelo Amapá
passou por terras firmes,
mas também terras alagadas
já provou comidas do sul,
porém jamais se comparam com o pirão de açaí
comer frango é bom!
Mas gostoso mesmo é comer peixe frito e camarão
acompanhado de açaí.
Te amar meu lindo Amapá é o mínimo a te retribuir.
Pois você me criou e me amou desde quando eu nasci.
Hoje, sou estudante!
Sou pesquisador!
Sou professor!
Tais títulos fazem parte do que busquei.
Mas, minha identidade e raiz foi você quem fez!
Andar pelas belas praias de lamas,

Brincar com meus irmãos,
Pular de galhos e galhos,
Comer mangas e goiabas.
Tais recordações me enchem os olhos e coração
Obrigado por tudo, meu belíssimo Amapá!
Eternamente, sempre, vou te amar,
te respeitar,
te cuidar!
Você é tudo pra mim!
E, sempre será.
Vou te defender com unhas e dentes.
Se eu ouvir falar: "Você é índio do Amapá?"
Encherei minha boca e responderei com muita emoção:
"Índio sou, mas também amapaense de alma e coração!"

ElIELson Borges

32 - NO CORAÇÃO DA AMAZÔNIA

No coração da Amazônia, onde o rio canta,
Surge o Amapá, terra que encanta.
Verde profundo e céu de anil,
Cultura rica, um eterno perfil.

Os sons do marabaixo ecoam na brisa,
Dançam os corpos, a alegria precisa.
Com tambores e rimas, a vida se faz,
Celebrando as raízes, o amor que é paz.

O açaí roxo em cumbuca se encontra,
Fruto da floresta que a alma desponta.
Do peixe à farinha, sabores sem fim,
Na mesa do povo, um banquete enfim.

A arte dos mestres, a cerâmica e o pano,
A mão do artesão que transforma em humano.

As lendas do folclore, sussurros do chão,
Histórias contadas com amor e paixão.

E no carnaval, a festa explode em cores,
É brilho e é vida nos mil amores.
Os blocos se formam, a cidade é um só,
Amapá em festa, um verdadeiro pólen florido.

Mas há também lutas que ecoam na voz,
Por terras e direitos, um grito feroz.
O povo unido em busca de seu lugar,
Preservando a cultura para sempre brilhar.

Amapá querido, tua essência é raiz,
Um mosaico de povos que sempre se diz:
Na dança do tempo e no canto da história,
Vive a cultura amapaense em toda sua glória!

Rayssa Cardoso

33 - HERANÇA AMAZÔNICA

Vou navegando pelo rio Tucuju,
Minha origem não nego,
Sou herdeira de uma geração
De etnias Waiãpi, Palikur, Maracá-Cunani e Tucuju.

Minha terra, meu tronco linguístico,
Aruaques e Caribes, raízes profundas.
Terra de meu Deus, terra farta,
De grandes Maná, riquezas infinitas.

Terra que planta e colhe,
Terra de bons frutos, onde tudo cresce.
Milho, feijão, arroz, legumes,
Banana, laranja, mamão, maracujá.

Nas grandes travessias pelo rio Amazonas,
Transcende a beleza da Marajoara.
Oh, que sabor, sabor do ouro negro,
Açaí, riqueza e felicidade.

Bebida, comida, sabor natural,
Consumida na tigela ou no prato.
Na mesa de todo amapaense,
Oh, açaí, como é gostoso!

Líquido ou no caroço, ruído,
Com farinha torrada ou de mandioca.
Tu me acompanhas desde minha infância,
Peço à flora que não esqueças de nós.

Precisamos do teu fruto,
Precisamos da tua existência.
Açaí, sempre estarás na minha saliva,
Nas lembranças da minha trajetória.

Te levarei por onde for,
Eternizarei esse sabor em minha geração.

Gracianne Santos do Carmo

34 - SINGULAR É MEU JARI

Jari! Tua beleza é única.

O beiju da tia no porto onde se atravessa para Monte Dourado.

Me delicio como um chefe de estado.

O sabor regional, sem igual, com acompanhamento de reggae,

melodia que enriquece e aquece a alma.

Seu Geleia e a sua extrema veracidade na condução da voadeira.

Lindo homem de sorriso singelo.

Reflete a luta constante de quem alimenta a esperança.

Sua honestidade e calorosa condução.

Nos leva com segurança e muita animação!

A comida caseira da dona Maria.

Me lembra o sabor do amor!

Da alegria de estar próximo de quem a gente ama.

Alimenta os sentimentos e desperta infinitas emoções!

Profundas e singulares, de um dia de inspiração!

A história do sr. Curupira, enche o espírito e o coração.

Privilegio é ouvir a história da comunidade de um proeminente ancião.

Me deixa repleto de gratidão por fundar as raízes que alimentam a população Jarinense.

A queda da água da cachoeira,

relembra a chegada dos pássaros de uma longa estação, dos ribeirinhos arremessando a rede a fim pegar peixes, e levar o sustento em comunhão.

As belas imagens, enchem os olhos de lágrimas e emoções.

Os botos a brincar,

sua calorosa recepção.

Nosso lindo rio Jari, comporta e alimenta nossa gente!

Tua história ainda não narrada.

Outrora espera nesses breves versos refletir em seu coração

Um mero pedacinho da história do nosso Amapazão!

Elilson Borges

35 - ELES, NÓS

Desço do Capital Morena com pés tortos
Eles acenam para mim da janela, como quem diz até logo
No outro dia acordo
E há um motivo para chegar mais rápido
Me vejo pegando atalhos
Para estar ao seu lado

Antes tudo o que queria
Era ir embora
Mas existem onze motivos para minha estadia
E não há pressa agora
Pois se tudo um dia acaba
Sei que ainda haverão restos de nós nessa cidade pacata

No que antes eu não via beleza
Há agora uma crença
De que tudo é um pouco sagrado
Para o coração que vê
As memórias a se ter

Eles estão nas bandeiras das praças
Nos endereços das ruas
Nas vitrines das lojas
E, se eles estão em tudo
Então, há razão para ficar

Há razão em amar esse lugar
E, porque amo
Vejo nas sutilezas os encantos
A chuva, a terra a molhar
Juntos na biblioteca, a estudar

Se nós ainda estamos vivos por toda a parte
Então, eu fico
E aproveito um pouco mais dessa tarde
Aconchegados e unidos
Nesta cidade

Maria Eduarda Costa de Sá

36 - O GRITO DA AMAZÔNIA

Solta teu grito Amazônia
Queremos te socorrer
A Nossa Amazônia é sagrada
E com o ar de meus pulmões vou dizer:
– Diga não às queimadas!
– Diga não às queimadas!
– Diga Não! Não! Chega de destruição!

Nossa Amazônia é sagrada
Quer sobreviver,
Quer respirar junto com você
Somos povo da floresta,
Então vamos preservar
Ela é a nossa alma
e aqui é nosso lar.

Vem Brasil, venha se unir
Somos povo da Floresta
nossa Amazônia é sagrada
Sou eu, é você, somos nós
Que devemos manter ela preservada

Solta teu Grito Amazônia
Em busca de preservação
A Nossa Amazônia é sagrada
Vamos plantar, reflorestar
E manter viva uma grande nação.

Hammet Mariah

37 - CHUVAS DO NORTE

A noite já se foi
E a manhã ardente chegou
Só que a noite de novo voltou
Engolindo os primeiros raios de luz,
Fazendo com que o céu perdesse o azul.
Não se via o caminho
Não se via o parceiro
Só apenas se sentia aquele vento sorrateiro
A chuva fazia suspense,
Ora respingava,
Ora completamente parava
E com aquele jeito de convencida
A chuva continua indecisa,
Mas passado o tempo o céu a expulsou
E por cima de nós ela desabou.
Chuva forte e medonha
A manhã inteira não parou.

Elza de Oliveira



POSFÁCIO

O Amapá é o meio do mundo! Terra abençoada, banhada pelo majestoso rio Amazonas, que pulsa como uma artéria infinita a ligar povos, histórias e sonhos. Aqui, onde a natureza se conserva em sua plenitude, floresce uma população rica em diversidade: urbanas e ribeirinhas, pescadores e indígenas, quilombolas e migrantes — todos entrelaçados numa tessitura cultural que não se encontra em nenhum outro lugar. É o marabaixo, esse movimento genuinamente amapaense, que traduz a força das nossas raízes e a esperança de um povo que resiste e reinventa o tempo inteiro.

Ah, Tucujus! Como não celebrar a poesia que brota da vida cotidiana, que se mistura às águas, ao vento, às rezas, aos batuques e aos silêncios que também falam? O Amapá é um território que exala cultura, e cada conto, cada poema reunido neste Segundo Tucuju Literário é mais que palavra impressa: é memória, é afeto, é identidade. Aqui, não apenas lemos, mas escutamos as vozes ancestrais que ecoam em cada linha, mostrando ao Brasil e ao mundo que a literatura amapaense é resistência e celebração.

Como gestor público e, sobretudo, como um apaixonado pela leitura, sinto a grandeza de ver a EDIFAP assumir esse papel de apoio social, literário e poético. O trabalho da editora não é apenas de organização ou de publicação, mas de compromisso com a alma coletiva do nosso estado. A primeira edição deste projeto já foi um sucesso estrondoso, tornando-se o maior carro-chefe da nossa editora, sendo reconhecida por personalidades, reverenciada pela crítica literária e, acima de tudo, abraçada pelo nosso povo.

Eis aqui a segunda edição, firme como a raiz do açaizeiro e doce como seu fruto, pronta para encantar, emocionar e provocar reflexões. Este livro é mais que uma coletânea; é um convite à travessia — travessia de rios e de sentidos, de sonhos e de identidades. É também uma afirmação: somos Tucujus e, por isso mesmo, temos um jeito único de ser no mundo, de cantar a vida, de narrar o tempo.

Convido, portanto, toda a comunidade a mergulhar nessas páginas e a se deixar tocar por essa obra que valoriza o artista, o poeta, o escritor genuinamente amapaense. Porque aqui, no meio do mundo, fazemos da palavra o nosso caminho e da literatura a nossa eterna casa.

Romaro Silva

Reitor do Instituto Federal do Amapá

Pesquisador em Etnomatemática

SOBRE OS AUTORES

Adail Silva Costa - Acadêmico do 8º semestre de Letras Português-Inglês (Campus Macapá). adailsilvacostaceara@gmail.com

Adriana Cristina Furtado Idalino - Graduada em Letras – Francês pela Universidade Federal do Amapá (2005).

Andreo Oliveira de Lima - Formação: Acadêmico do 8º semestre de Licenciatura em Letras Português/Inglês (IFAP). dreolima21@gmail.com

Argemiro Midonês Bastos - Doutor em Biodiversidade e Biotecnologia. argemiro.bastos@ifap.edu.br

Augusto Leite

Caroline Borges Monte - Discente do 3º ano do curso técnico em Redes de Computadores (Integrado IFAP). smrookie12@gmail.com

Elaine da Silva Gomes - Licenciatura em Pedagogia (UNIFAP); Especialização em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica (IFES – Campus Colatina); Mestranda em Educação (PPGED/UNIFAP – Linha de Políticas Educacionais). elaine.gomes.edu@gmail.com / elaine.gomes.academico@gmail.com

Elielson Borges da Rocha - Licenciado em Pedagogia (UNIFAP); Licenciatura em Letras Inglês (FAVENI); Especialista em AEE (FAVENI); Pós-graduação em Informática na Educação (IFAP); Mestrando em Educação Inclusiva (PROFEI/UNIFAP); Professor Substituto do IFAP – Campus Laranjal do Jari. elielson.rocha@ifap.edu.br

Elza Lopes de Oliveira - Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá (2007). elzaveira@gmail.com

Felipe Pacheco - Licenciatura em Música (UFPR); Especialização em Literatura Brasileira (UNINA); Mestrando em Educação Profissional (IFAP). felipe.pacheco@ifap.edu.br

Flaviani da Silva Queiroz

Geovana Moraes - Professora da rede pública Estadual. Mestre em Ensino de História (PROFHISTÓRIA/UNIFAP); Especialista em Currículo e Formação Docente para os anos iniciais (UFPI); Especialização em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica (IFES); Licenciatura em História (UNIFAP). geovanaprofessora2021@gmail.com



Gracianne Santos do Carmo

Jaciara Santos Martins - Licenciada em Pedagogia (UNIFAP); Pós-graduada em Novas Linguagens e metodologias para Docência (Faculdade Atual). mjaciara132@gmail.com

Jadson Luís Rebelo Porto - Geógrafo; Doutor em Economia; Professor Titular da UNIFAP; Integrante efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba, PR) e da Academia Amapaense de Letras (Macapá, AP). jadsonporto@yahoo.com.br

Jennifer Luana Maia Freitas - Letras Português/Inglês (IFAP); Pós-graduanda em Linguagens e Arte na Formação Docente (IFPA). luanamaia108@gmail.com

Jéssica Thaís Lima dos Santos - Acadêmica de Licenciatura em Teatro. jessicathaisproducao@gmail.com

Judivalda da Silva Brasil - Mestre em Saberes da Amazônia (UFPA); Professora EBTT. judivaldabrasil@gmail.com

Juciane Pereira Rios - Formação: Letras—Francês (UEAP); Pós-graduação em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (IESAP); Formação internacional em Didactique et Management du Français Langue Étrangère (Université des Antilles). juci.coisas@gmail.com

Karen Camile Andrade de Abreu

Lana Vicência Costa dos Anjos - Acadêmica em Licenciatura em Física. lanavicencia23@gmail.com

Maria Eduarda Costa de Sá - Formação: Técnica em Química (IFAP); Acadêmica de Direito (UNIFAP). costamariadesa@gmail.com

Mauro Renato Alves Brandão (Renato Alves) - Letras Português/Inglês. Profissão: Professor de Português da E.E. Antônio João.

Neuma dos Santos de Jesus Silva - Mestre em Educação, Culturas e Diversidade; Especialista em História do Amapá; Licenciada em História e Geografia. neumadossantosdejesus@gmail.com

Rafael Silva da Silva - Bacharel em Administração; Licenciatura em Letras Português/Inglês. rafaelsilvadasilva11@gmail.com

Rayssa Cardoso

Rodrigo Corrêa Mergulhão - Agente Administrativo do Ministério da Saúde; Administrador. mergulhaorod@gmail.com; rodrigomergulhao@hotmail.com



Telma Maria Borges Vasconcelos Braga (Hammet Mariah) - Administração. hammetmariah27@gmail.com | hammettagarb64@gmail.com | telmabraga@sedih.ap.gov.br Observação: Nome artístico Hammet Mariah; nascida em 1964.

Tiago de Oliveira Quingosta de Sousa - Especialista em Direito Processual Civil; Especialista em Segurança Pública; Mestrando em Direito; Bacharel em Direito. tiago_quingosta@hotmail.com

Vânia Beatriz Vasconcelos - Graduada em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda (UFPa, 1983) e Jornalismo (Uniron, 2010). Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (2000), Especialista em Jornalismo Científico (UNIVAP 2011).

Yury Gonçalves dos Reis - Acadêmico do 8º semestre de Letras Português-Inglês (Campus Macapá). reisyury96@gmail.com

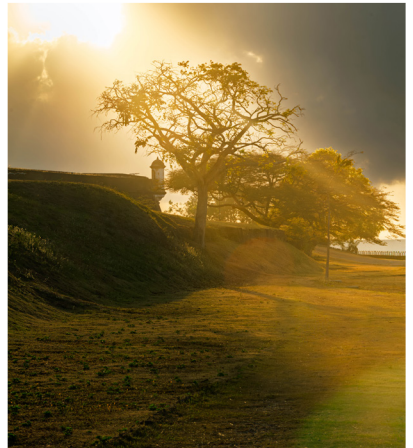


SOBRE OS ORGANIZADORES

Deliane Pessoa Santos - Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Amapá (2018), com MBA em Consultoria Empresarial pela Faculdade Anhanguera (2022); MBA em Administração Estratégica pela Universidade Estácio de Sá (2016), e MBA em Agronegócios pela Faculdade Anhanguera (2025); Graduada em Administração pelo Centro de Ensino Superior do Amapá (2011), e em Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá (2011). Com experiência na área de Educação, e na área de Administração, com ênfase em Administração, Empreendedorismo e Inovação de Micro e Pequenas Empresas, dos segmentos comércio, indústria e serviço. Atualmente, é Coordenadora da Edifap, professora EBTT efetiva do Instituto Federal do Amapá (IFAP), campus Laranjal do Jari, e bolsista Agente de Inovação, no campus Macapá.

Nayara França Alves - Doutora e Mestra em Ensino de Ciências Exatas pela Universidade do Vale do Taquari (Univates), com graduação em Licenciatura em Física pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Possui especializações em Gestão e Docência do Ensino Superior, Gestão, Supervisão e Orientação Educacional, e Educação Profissional. Atualmente é professora de Física no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP). Atua como pesquisadora no Grupo de Pesquisa em Experimentação e Tecnologias (GPET), vinculado ao CNPq. Suas linhas de pesquisa estão externas para o ensino de Física, com ênfase nas abordagens da Aprendizagem Significativa e Aprendizagem Significativa Crítica.

Daniel Melo da Silva Júnior - Mestre em Sistemas Ambientais Sustentáveis pela Univates (2020) com especialização em Educação Profissional pela Faculdade de Teologia e Ensino Ciências Humanas (2016); Especialização em Psiquiatria e Saúde Mental pela Faculdade de Administração, Ciências e Educação (2025); Graduado em Direito pela Universidade Federal do Amapá (2016). Tem experiência em Direito da Saúde e Tribunais Superiores. Atualmente, é Advogado e servidor Efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá.



2º

TUCUJU
LITERÁRIO
DO IFAP
CONTOS E POEMAS

2º

TUQUJU

LITERÁRIO

DO IFAP

CONTOS E POEMAS

EDIFAP



